

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, PANTALEÃO PESSOA e EUGLYDES FIGUEIREDO

N.º 80

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1920

Anno VII

PARTES EDITORIAIS

7 de Setembro de 1922.
Na Marinha.

NAS demonstrações que serão efectuadas para a solemnidade patriótica do Centenário da Independência, a Marinha Nacional não poderá esquecer o seu importante papel de factor essencial na composição de nossa força armada, cujas realizações, methodicamente attingidas no grande e bem-dito interregno de paz que a Providência nos tem dispensado, desejamos que sejam expostas aos olhos do povo brasileiro, naturalmente interessado em conhecer os resultados que a Nação pôde colher, como fruto da contribuição de seus cidadãos para o aperfeiçoamento dos instrumentos de sua soberania.

Infelizmente, como no caso do Exército, a Marinha não poderá apresentar um conjunto adequado às nossas complexas necessidades militares. Todavia, alguma coisa tem-se conseguido, e, do que resta ainda por fazer, uma parte está seriamente preocupando a Administração Naval, de sorte que, nestes dois anos e meio que nos faltam, com trabalho perseverante e bem orientado, poder-se-á acrescentar muito ao que já temos.

Nesse tempo o Departamento do Caes dos Mineiros terá provavelmente appare-

lhado o porto do Rio de Janeiro — única base naval de que dispomos — com os elementos de conservação e mobilização que lhe faltam para nossa pequena Esquadra, até hoje à espera ansiosa d'essa providência.

Com a autorização do Congresso e os créditos para isso dispostos, teremos, na Ilha das Cobras, um cais acostável de 700 metros de extensão, onde poderão atracar os maiores navios, não sómente para reparos nas máquinas, casco e armamento, como para receberem os sobressalentes de toda sorte e mantimentos no caso de mobilização.

Com este objectivo serão levantadas, na área plana de Ilha, oficinas modernas, acabando-se com a dispersão, que hoje existe, de várias dependências que, embora concorrendo para o mesmo fim — o apresto do navio — encontram-se em pontos bastante afastados entre si.

Reunindo-se aí, ao lado do Arsenal, os depósitos de sobressalentes da artilharia, de torpedos, de consumo geral, e os mantimentos, as unidades que desatracarem do cais do norte terão apenas que fazer o seu abastecimento de combustível em outro ponto da baía, e atracar ao Boqueirão para receber a munição de guerra dos paíões refrigerados que lá se encontram e serão multiplicados.

A inauguração d'esses serviços, feita a 7 de Setembro de 1922, seria uma bella e útil coparticipação da Marinha, mobilizando nossos dois couraçados, três cruzadores, dois guarda-costas, dez contra-

pedeiros, tres submersiveis e o seu
ader ao lado das novas unidades que
er adquirir, entre as quaes deverá pre-
derar o numero de submarinos tão
spensaveis á vida dos nossos portos,
usive os mais bem defendidos.

Aviação Naval vem igualmente pro-
dindo, e continuamente tem visto
mentar o numero de hydro-aviões a
serviço. Não será exagero suppor-se
que, dentro de dois annos, ella dispo-
ne, no minimo, de cincuenta unidades
de guerra, além dos apparelhos de
reucção.

o que diz respeito ao pessoal, a Es-
trada mantem seus navios com effectivos
pletos, ou proximamente taes, bas-
ado requisitar ao Corpo de Marinheiros
raças que faltarem na lotação das uni-
des que, propositalmente — embora não
perceba bem porque — muitas vezes
estão desfalcadas em seus effectivos, com
prejuizos para a instrucção, em-
bito permanecem centenas de homens
arrelados em Villegaignon. Mas, em
de guerra, os serviços auxiliares
recerão, complexos e multiplos; para
utilisação, grande numero de navios
cantes e pequenas unidades varias,
passarão á direcção do Estado Maior
Armada ou dos commandantes das
as, precisarão ser guarnecidos por
oal da Marinha, sempre que possível,

reservistas que têm sido preparados deverão ser chamados na mobilização, podendo-se, em cada navio de guerra, substituir 20% da tripulação por rapazes — que irão ter o primeiro contacto com a vida do mar.

Batalhão Naval comprehende hoje
taria, metralhadoras, artilharia de
panha de tiro rapido, serviços de
cyclistas e sinalaria.

É agora ainda não foi definida, offi-
cente, com clareza, a sua função na
ra. A julgar, porém, pelas organiza-
extrangeiras que possuem unidades

semelhantes, não será difficult encontrar se a applicação a dar-lhe

Ha grande numero de reservistas do Tiro Naval, no Rio e em Santos, que deveriam ser incorporados por um periodo de quinze dias de manobras, em que se desenvolvesse um thema elaborado pelo Estado Maior da Armada, e no qual, além da Esquadra, tivesse o Batalhão a sua parte activa.

Terminada essa quinzena, o Batalhão desfilaria com suas reservas na Capital, e uma revista naval em águas da Guanabara fecharia as demonstrações da Mostra no Centenário.

Como dissemos no caso do Exercício o Departamento do Caes dos Mineiros quizer ir além d'esse modesto programa que a «A Defesa Nacional» pede venia a sugerir, só alegrará o coração dos patriotas e maiores aplausos merecerá da Nação.

Da Provincia

170

Apesar das muitas providencias do mando e o incansavel esforço do Capitão do Serviço de Saúde, ainda não é satisfatória a organização da **ambulancia regime** para attender como deve aos multiplos cas nicos e cirurgicos que subitamente se apresentam. E toda a dificuldade reside na regulamentação geral das Enfermarias Regimentaes, que é tamente organisada tendo em vista outeiões onde sejam facéis as communicações com o hospital, para onde em algumas pode os enfermos serem conduzidos em auto-automóvel, o que infelizmente não é o nosso. Aqui, para baixar á Enfermaria Regional os nossos doentes de fazerem uma viagem de 4 horas por estrada de ferro, sujeitos a decação quer im Mayrink ou Jundiahy, se torna muito penosa para quem esteja de enfermidade de carácter sério, ou em melindroso, pois neste trecho não dispõe de estrada que nos serve de carros-leito. N transacto tivemos a infelicidade de perdermos os nossos conscriptos, que falleceu em quando por transferencia da enfermaria regional demandava a regional... Entendo das as enfermarias como a nossa, que dispõem de meios facéis de condução ao hospital, deveriam dispôr de um posto de pharmacia, semelhantes ao de que é dotada a Villa Militar, além das ambulancias que possuem os corpos a regimentoaes que possuem os corpos a

As **multiplos** das diversas
retaram como é
na orientação de
Assim é que os
10 comandantes
diversos comandantes
4 comandantes

mente assim evitariam passar pelo vexame de termos correr risco de vida, uma vez que tal é remediável, a quem deixa o seu lar vir cumprir um dever, e tem inegável efeito a eficaz assistência à sua saúde durante o tempo em que presta seus serviços à Nação. Os **pedidos** remetidos ao Laboratorio Chimico Farmaceutico Militar, de medicamentos com legalmente pôde ser dotada a nossa pharmancia que só se destina a attender ás enfermidades leigas, foram no entanto sempre **despedidos com deficiencia**, declarando mesmo Chefe do Serviço de Saúde do Regimento não attenderam á lista das drogas necessárias ao consumo usual e sim á vontade daquele Laboratorio, acontecendo o acumulo de medicamentos de pouco uso nas prateleiras da pharmancia... Sobre o **instrumental cirúrgico** ha a mesma deficiencia, o que importa em ter nenhum interesse pela vida do soldado, pois mesmo uma caixa de cirurgia de urgencia, foi pedida ao Deposito do material sanitario, deixou de ser fornecida à vista da falta verba para tal fim. Existem apenas ferros pulsos, insuficientes para qualquer caso de operação de urgencia, tanto assim que para um destes casos teve de recorrer o regimento ao prestimo feito a um particular! Pelo cofre n'ão sido adquiridos aos poucos apparelhos e accessórios de uso commun, como agulhas de catina, machine electrica, thermo-cauterio, etc...

O edifício onde se acha aquartelado o Regimento se bem que amplo e hygienico, ainda não oferece todas as adaptações necessárias a um gimento de artilharia. Tem o commando se forçado para solver as faltas mais sensiveis, como sejam: os parques, as baías, o picadeiro no campo para instrução. Assim é que se acham promptos o campo de instrução e 128 baías. O picadeiro está em vias de terminação e já foram iniciadas as obras dos parques para um dos grupos... Outras obras se impõem no sentido de ser d'ao maior conforto ás praças, como melhor distribuição das reservas de inferiores, arrecadação de armamento, arreitamento e depositos, muitos dos quais estão em mais de um compartimento e distantes dos alojamentos...

Acha-se este Regimento dotado de: 12 canhões Krupp, c. 75 L. 28 com os respectivos carros de munição, 4 viaturas baterias, 4 viaturas forjas, reparos de sobresalente e 4 lunetas de bateria. Material este, como se vê, que é a metade do que deveria ter o Regimento...

Existe neste Regimento apenas o seguinte material de acampamento: 15 baracás de tela kaki para officiaes, com as respectivas armações e 350 barracás de lona kaki para praças, o que é insuficiente para qualquer exercicio em que o Regimento tenha de tomar parte abandonando o seu quartel...

As **multiplas successões de commandos** das diversas unidades deste Regimento, acarretaram como é facil de prever-se falta de unidade na orientação do commando, instrução e disciplina. Assim é que os grupos tiveram: o 1º 9, e o 1º 10 commandantes, e as baterias passaram por diversos commandos, a saber: a 4.ª e 5.ª com 4 commandantes, a 1.ª com 5, a 3.ª com 6 e

a 2.ª com 9 e a 6.ª com 10. Estas constantes substituições foram motivadas pelas inopportunidades das transferencias...

... O **reerutamento de graduados** pelo actual processo, além de muito deixar a desejar pela sua deficiencia, não satisfaz tambem por não permitir tão cedo o completo preenchimento das vagas actualmente existentes na arma de artilharia. Aos officiaes nos corpos, onde muitas vezes, como neste corpo sempre aconteceu, é o unico instructor, falta-lhe tempo para poder preparar cabos e sargentos, das praças que se destacam na instruccion e precisariam constituir turma a parte; melhor seria se existisse uma **escola de aperfeiçoamento** também para a artilharia onde deveriam ter matricula os cabos que fossem indicados pelos comandantes de baterias.

... A consolidação das disposições sobre fardamento tem sido de difícil applicação, trazendo trabalho insano para os commandantes de baterias, pois que as incorporações déram-se em diversas épocas e as peças de uniformes foram enviadas por partes...

... O **ensino de analphabetas** que a principio estava a cargo do oficial professor da escola regimental, passou em primeiro de Agosto a ser ministrado por 4 **professores publicos** do Estado de São Paulo, o que num bem intencionado patriotismo de seu governo, veio facilitar a ardua missão dos officiaes arregimentados.

Da accão proficia destes dignos professores dil-o o bom resultado obtido nos exames respectivos os quais accusaram uma porcentagem de 79,2 alphabetisados. Sendo matriculados no inicio 189 praças analphabetas, foram depois eliminadas por promptas na escola 29, por motivos disciplinares 11, restando por occasião dos exames 149, das quais 37 não apresentaram aproveitamento real e 141 foram consideradas alphabetisadas. Este resultado, dado o pequeno lapso de tempo de que dispuseram para o ensino, é deveras animador, e oxalá possamos no corrente anno começar o ensino por occasião da incorporação, o que nos dará, estou certo, 100% de aproveitamento, tal é a confiança que temos nos dignos professores, dados o esforço, a bona vontade e aptidão por elles revelados.

... Não cogitando o R. I. S. G. da regulamentação das **officinas** e tendo o commando em vista a bona ordem ao serviço, seu rendimento e economia que possam offerecer ao cofre, organisou o seguinte: **Regulamento das Officinas**.

1.º Todo o serviço que tiver de ser executado pelas diversas officinas do regimento, deverá ser solicitado em parte assignada pelo comandante da unidade que della necessitar.

2.º Publicado que seja o despacho deste comando, irá para a Intendencia, onde será organizada uma nota explicativa do trabalho a executar, a qual receberá um numero de ordem, que será directamente entregue ao Sr. Primeiro Tenente Adjunto que determinará então como deverá ser executado tal serviço.

3.º O encarregado da officina fará pedido de

terial que for necessário, pedido este, que é visado pelo Sr. Primeiro Tenente Ajudante. a) A execução do serviço obedecerá rigorosamente à ordem numérica recebida na Intendência; e unicamente aquela que trouxer a declaração *Urgente*, assignada pelo Sr. Tenente Col. Fiscal.

b) O material que for empregado em toda e qualquer obra que não se destine exclusivamente ao serviço do regimento, deverá ser totalmente indemnizado; podendo para isso o interessado procurar o Sr. Primeiro Tenente Ajudante que organizará o orçamento respectivo, descontado de 10%, que serão destinados à compra de novas ferramentas.

c) Este pagamento deverá ser feito integralmente no acto do recebimento da obra, devendo a importância ser recolhida ao cofre do Conselho Administrativo, e não só ali escripturada, e também no livro conta corrente das officiais que ficará em poder do Sr. Primeiro Tenente Ajudante.

d) Concluída a obra, deverá ser esta entregue à Intendência com a declaração do seu valor e seu numero de ordem; afim de lhe ser dado destino conveniente; e feito cargo a unidade competente.

e) As officinas apresentarão mensalmente ação do material consumido com a declaração das obras em que foi o mesmo empregado, afim de que lhe seja feita a descarga.

serviço de rancho é feito pelo regimen do abastecimento de rações preparadas, que é o mesmo processo até hoje adoptado nos corpos, e altas é usado em toda a Região, com óptimos resultados. Além do resultado que dá para o ofício, em virtude mesmo de serem os combatentes homens affeitos a tais negócios, o não se dá com os nossos officiais intensos, sobrepuja elle pela grande vantagem de se empregarem no rancho sargentos, cabos e soldados e que por si só valeria a pena, mesmo o aumento de despesa, que realmente não dá, pois há maior economia do que se fosse usado o rancho administrativamente, além que é mais bem feita a comida e melhor exercitado a fiscalização. Resente-se porém o regimento da falta de carros-cosinha ou marmelicas para o caso das manobras ou qualquer exercício longe do quartel.

O problema da remonta ainda não se resolvido entre nós e só os altos poderes políticos poderão resolvê-lo quando o encarar com a devida atenção que elle requer... única solução que actualmente se nos oferece é a das comissões permanentes de praças de animais, o que excede a alçada do mandante da unidade. Reiterado tem sido os pedidos deste comando sentido de ser o regimento dotado de um sargento, pois que desde 2 de Junho ficou o serviço affecto a um sargento leigo. Pondo o regimento 125 animais, é imprescindível a assistencia veterinaria, cuja falta poderá correr para a perda de alguns animais que am a adoecer e lhes falte por completo o necessário tratamento.

Joinville — O batalhão (13.º B. Caç.) está acantonado em um velho theatro que muiro mal comportaria cem praças. A escola regimental funciona no rancho, que por sua vez está situado no ex-palco. Não ha material, não ha animais, não ha campo para instrução, em fim não ha quasi nada, sobretudo ha falta de officiais. Acabam de chegar dois aspirantes que viérão estrear seu serviço na tropa comandando companhias, um d'elles acumulando esse cargo em duas e ainda o de professor da escola regimental. Começaram no dia 2 a instrução dos recrutas, que são esplendidos; ella é dada nas ruas ou no pateo do quartel de bombeiros (!) ou no do Tiro de Guerra 226 (1).

7.º R. C. I. (Sant' Anna do Livramento). Depois de estabelecida a dotação de munição para os exercícios de tiro, os corpos d'aqui do Estado só pedem tal dotação, não existindo um fornecimento especial, um stock, para serviços extraordinários.

Assim sendo, no fim de cada anno estão esses corpos com diminuta carga de munição e se de momento tiver de se lançar mão de um regimento, a este faltará munição para bem cumprir seu dever numa emergência rápida.

Cito um exemplo. O anno passado o velho 15.º R. C. fez em Janeiro pedido de cartuchos destinados ao tiro. No fim do anno, para as manobras, só teve o indispensável e escasso, porque o pedido fôra feito pela dotação antiga, depois aumentada (Bol. de 15. 5.).

Faz-se novo pedido, de acordo com o aumento, mas, este ultimo pedido só foi atendido em Fevereiro do anno corrente e isto mesmo por muito empenho, incluindo até pedidos particulares.

Pela falta de cartuchos de guerra, interrompeu-se a instrução de tiro depois das manobras, contrariamente ao disposto no R. T. C. (1)

Sem munição recebemos ordem, em 1918, de marchar afim de guarnecer os Frigoríficos em consequencia de uma greve. Estavamos, pois, desarmados.

Parece que o M. G. deve com urgencia, e maxima, determinar uma dotação de 90 ou 100 cartuchos de guerra, por homem para a segurança do corpo, independente da do tiro. Será uma distribuição a fazer uma unica vez...

(1) N. da R. — Não esquecer que o R. T. 1 1913 é commun a todas as armas...

Serviço militar e escola

No Brasil, quasi tudo é muito fallado, discutido apaixonadamente, filiado a esta ou aquella escola; na maioria dos casos porém a applicação é despresada e, as mais das vezes, nunca tentada.

Muitos já escreveram em prol da nossa nacionalidade. O exercito e a armada têm sido apontados pelos talentos de escola como verdadeiros cadinhos, de onde nossa gente sahirá mais forte, moral e physicamente. A pratica ainda não corresponde,

rem, ás bellas paginas escriptas, ás verdadeiras theorias pregadas pelos novos angelisadores de nossa raça.

O Estado de S. Paulo, que vibrou de thusiasmo ao ouvir o verbo patrioticamente luminoso de Olavo Bilac, offerece um exemplo que merece ser estudado e conhecido.

E' sabido que na escola primaria na na da criança é modelada a feição do mem de amanhã.

Deverá pois existir para professores, rectores de grupos e inspectores escolares uma doutrina, uma directriz unicamente á defesa, á grandeza de ssa patria e ao papel reservado á marinha e ao exercito. E' tambem mistério se exista unidade de doutrina.

E' na escola que o professor vae arguassando silenciosamente pelo seu trabalho a grandeza das gerações que se formam. Em S. Paulo não ha essa unidade de vistos nesse particular... E nos outros Estados?

Transcrevo para provar quanto digo os picos seguintes, grupando-os porém em duas partes. São respostas dadas pelos inspectores escolares de S. Paulo ao mestre Dr. Oscar Thompson, director da construcção. O Dr. Thompson aconselhou que estudassem uma serie de questões e emittissem opinião nos relatorios. Entre as propostas a seguinte: «a escola o serviço militar obrigatorio».

1.º grupo — que, no meu despretenoso modo de julgar, qualifico de bem orientado:

«Entendemos que a escola é o ponto de partida para o prepero do futuro dadão ao serviço militar.»

Esta opinião foi emitida pelos Srs. José Dias, Aristides de Castro e J. Britto, inspectores da 1.ª, 2.ª e 3.ª zonas, respectivamente.

«O serviço militar obrigatorio constitue, por assim dizer, o nucleo das providencias medidas tomadas para a defesa nacional.» Benedicto Tolosa; 4.ª zona.

«Conhecidas as vantagens educativas da caserna pelo nosso caboclo, facil se torará a perfeita execucao da lei, unico meio capaz de levantar o moral e o phycico do nosso povo. Na caserna, o caboclo comprehende a vida de sociedade e vae conhecer os comesinhos principios de hygiene. Melhora o seu moral, o seu phycico; torna-se um homem util a si e á sociedade.» Mauricio Camargo; 8.ª zona.

O Sr. inspector da 1.ª zona não deixou transparecer suas idéias; é pena porque assim a analyse seria mais completa.

Não ha necessidade de commentar as linhas acima que traduzem o pensamento de espiritos equilibrados e que têm uma visão segura do nosso futuro como povo forte.

2.º grupo — que classifico de mal orientado:

«Não somos, *felizmente*, uma nação guerra. O militarismo (?) é planta exótica no sólo brasileiro... Continuemos a manter as Linhas de Tiro criadas, animemos a instituição benemerita da Cruz Vermelha; fomentemos o escotismo tão educativo e de effeitos salutares para a mocidade. Taes instituições *redundam* no prepero militar e *não passemos d'ahi*.» José Boanova; 9.ª zona.

E' bem modesto o limite superior de preperação militar demarcado pelo distinto professor. O exercito e a marinha são orgãos inuteis para o Sr. Boanova.

... Penso, por isso, que o serviço militar obrigatorio nas condições em que se acha a nossa mocidade, escapa á accão (salvo o cacophato)* da escola.» Julio Pestana; 10.ª zona.

«Com relação ao serviço militar, penso que a escola pouco tem que ver com isso...» Antonio Aranha; 11.ª zona.

O antagonismo d'este inspector com os da 1.ª, 2.ª e 3.ª zonas é berrante.

«Os meninos assim preparados nos Grupos e escolas, ao deixarem-nos, entrarão para as linhas de Tiro e eis os nossos pequeninos escolares transformados em defensores da Patria.» Cypriano Lima; 13.ª zona. A marinha e o exercito sempre esquecidos como principaes preparadores e defensores da Patria.

«Em doutrina, sou contrario ao ensino obrigatorio assim como ao serviço militar obrigatorio...» Camargo Couto; 14.ª zona.

O facto que resalta nitidamente é que, no seio dos inspectores escolares de S. Paulo não ha uma idéa bitola para guiar como almenara na parte relativa ao serviço militar.

As duas corporações armadas do Brasil, não são lembradas pelos illustres educadores como verdadeiras escolas que são, como centros dynamicos contra a estagnação de maremma de nossa nacionalidade.

(*) N. da R. — ? ou hiato?

A opinião de cada um em particular, é sagrada e deve ser respeitada, porém quando se trata dos interesses do Brasil, uma unica deverá ser a orientação e aos poderes executivos cumpre traçar essa patriótica senda.

Seria quicá de grande utilidade que nas sedes das Regiões, os directores de grupos, inspectores de ensino e professores trocassem idéas com officiaes de reconhecida capacidade e fossem assim orientados de um modo seguro (*). Todos os directores de grupos, em S. Paulo, foram estudar hygiene em Butantan...; porque não poderão ouvir algumas conferencias para conhecer melhor a marinha e o exercito? E' lastimável a confusão de serviço militar obrigatorio e militarismo, bem como o esquecimento systematico do exercito e da marinha patenteado nas itações transcriptas.

Finalizo essas ligeiras considerações pontando um facto que se me deparou o lér os relatórios apresentados ao Dr. Thompson e que merece reparo, mormente sabendo-se que ha cerca de 40,000 japozeiros já localizados em S. Paulo.

«Em Jepuvuna ha duas escolas. Estão em localizadas e bem installadas na colonia japoneza de Katsura, em casa construída e doadas pelos próprios colonos, para funcionamento das escolas e residencia dos professores. Um professor japozeiro tambem lecciona aos alumnos articulados nestas escolas, em sua lingua aterna «fóra das horas em que os alunos devem frequentar as escolas estas paes».

Não teria começado assim, tão mansosamente, tambem na California e alhures a invasão japoneza que tanto trabalho em dado aos Estados Unidos? Não tenho menor sentimento xenófobo ao fazer essas ponderações.

1º Tenente Gustavo Adolfo Murgel.

*) N. da R. — Isso enquanto não seja *con-sine qua non* para o professorado a posse caderneta de reservista ou da qualidade de oficial da reserva.

Reminiscencias de um Velho Turco mo me fiz ou me fizeram soldado...

pprovado ou antes habilitado no exame demissão á matrícula na Escola Militar, era ter obtel-a como natural coroamento, como remate aquella exigencia regulamentar.

Para conseguil-a indispensavel se fazia desbrir um empenho, ou como se diz nos tempos que correm, *cavar um pistolão*, para o general commandante da Escola ou para o seu secretario.

Como havel-o? como caval-o? Eis o problema.

O General Polydoro, então Visconde de Santa Thereza, passava por ser um homem ultra-independente, extremamente austero, austeridade que atá ás raias da dureza, refractario a politica inflexivel a pedidos, incorrupivel atá a medida aureolado e respeitado pelos seus grandes serviços prestados ao Paiz. Temido dos alunos traçára pela sua natural rispidez e proverbial indelicadeza, attestadas pelas linhas sempre sotubrias do seu anuviado semblante, traçára, entre a sua pessoa e os seus subordinados, um largo fosso de separação.

Inteiramente se acolhera á massa cobrida de uma rigida e mal entendida superioridade moral e de uma revoltante preeminencia militar.

Era difficil transpôr-lhe os respectivos taludes. Por isso só fôra em vida temido, respeitado, já mais estimado.

Seu secretario era para mim um enigma a decifrar, uma incognita a resolver. Vi-o pela primeira vez quando me apresentei á Escola no acto de effectuar matrícula. Era um major de regular estatura, grandes barbas negras, envergando uma blusa preta, bem preta, tendo nos extremos da gola sobre um trapezio de veludo azul ferrete uma esphera armillar praticada, tanto gasta pelo uso.

Apparentemente severo e frio, falando poucos monosyllabicamente, era, no entanto, na intimidade muito affavel, comunicativo e extremamente polido, demonstrando uma aprimorada educação civil.

Só a disciplina da época pôde explicar essa dualidade de trato: affectar uma severidade, ás vezes, até á rispidez, em franca opositiō a nobres sentimentos de uma alma finamente trahilhada, por uma instrucao aprimorada.

Alguns levavam essa rigidez até a negação do cumprimento, tendo o cuidado de collocar previamente as mãos nas costas para que do contacto delas com as do subordinado não premanassem os germens da indisciplina.

Era uma medida prophylatica como qualquer outra, mas inocua, sem resultados praticos.

Mas um simples acaso veiu solucionar o estranho problema...

Para suavizar, temperar as agruras de uma existencia atormentada pelas necessidades materiais de toda a sorte, todas as manhãs antes de frequentar as aulas do Colégio Victorio, cujo director, de gratissima e inolvidavel memoria, me acolhera generosamente, ministrando-me gratuitamente a instrucao secundaria, ia ajudar missa numa velha e archaica egreja, de estylo barbaro e desgracioso, producito de uma arte primitiva que remonta aos fins do seculo XVII, em pleno contraste com os bellos e magestosos edificios que actualmente a circumdam em pleno coração da cidade.

Era o ajudar missa um habito que adquirira pelos principios religiosos, sinceramente arraigados em minha familia, que, sem consultar-me, me destinava á carreira ecclesiastica.

Dessa egreja era capellão ou reitor um padre portuguez naturalizado, gordo, de meia estatura, faces rochunchudas, papada de farta exudia, feições sympatheticas, de caracter ardigo,

er penetrante e um tanto dado a conquistas rosas, não obstante ser meio fanhoso e ciso no trato.

Como todo eclesiastico que se presa, usava os de aro de ouro e tomava rapé, cuja caixa de tartaruga com lavores de prata gostava de exhibir á clientela. Fôra frade carmelita, o escapulário lancara ás ortigas, talvez porque regras monásticas lhe tolhessem, em parte, aventuras, ás inclinações para o amor livre, não obstante haver-se secularizado mantinha, ez pela força do habito, francesas relações de sade com os seus antigos confrades, a cujas as religiosas annuas assistia com fingida e oculta unção de um devoto accommodatio. De suas visitas ao Convento da Lapa, uma ou qual convivencia se estabelecerá entre e um velho conego, que ali residia. Portuguez naturalizado, igualmente adiposo, de braço e peito salientes, de amplas glandulas mamarias, trazendo bem cuidadas as brancas melecas, caíndo em cachos, em longas espiraes de ta nova, de andar medido e pesado, um tanto instruido e muito lido em litteratura phantista. Adorava Camões, cujas estrophes dos *Luziados* solistamente declamava, sublinhando-lhes as lezas.

Era nessa época capitão-capellão do corpo eclesiastico do exercito, cujas estrelas dobra-se engastavam nos punhos das mangas de larga batina preta, avivada de vermelho, e preta nova, lidimamente asseada. Trazia á cintura uma ampla faixa escarlate seda achamorlada rematando em dupla borla mesma cor, usava finos sapatos de verniz, e pinellas de prata.

Pelas gordas pernas acima subiam umas metas de seda sulferinas, e umas fitinhas bicolores davam-lhe o peito, pondo em franco relevo as undecorações e medalhas que o Governo imperial lhe galardoara os serviços prestados na z e na guerra.

Fôra no Paraguay que elle conhecera o general Polydoro. E dessa communhão nos períodos derivou entre ambos uma leal e sincera amizade que a idade, os annos e as distâncias a isolaram em forte e resistente argamassa. Investido no alto cargo de commandante da Escola Militar da Praia Vermelha, o Visconde amou para junto de si o antigo camarada deu-lhe sem prejuizo de suas funções eclesiasticas, a regencia da aula de portuguez, vaga por uma longa licença concedida ao respectivo theodratico, o celebre poeta *Lagartixa* (Dr. Luís Rabello).

Conta-se que, quando se agitava uma controvérsia qualquer sobre vernaculo, o novel professor e velho eclesiastico (como tal empurrado em citações latinas), querendo justificar sua respeitável opinião, costumava repetir doomaticamente:

— Dizem os mestres, diz a cadeira, diz o compendio; digo eu.

Era o *magister dixit* na plenitude de sua exulta arrogancia.

O capellão ou reitor da vetusta egreja, onde incidentalmente exercia eu o humilde encargo de sacrista, ou antes, de *escorrupichador de gatetas*, sabendo que bracejava afflito, angustiado, em busca de uma recomendação para poder

effectivar minha matricula na Escola Militar, condenando-se de minha sorte, espontaneamente me deu uma carta para o conego.

Fui encontra-lo na sua cella no Convento do Carmo, na Lapa, gosando á frescata das delicias da brisa marinha que, á tarde, amenisava a canícula de um dia senegalesco de fins de Dezembro.

Envolto num amplo roupão entreaberto, de chita vermelha com ramagens crème, tendo á cabeça uma especie de barrete de seda preto, deliciosamente reclinado numa *espreguiçadeira*, os olhos semi-cerrados, o velho conego parecia empolgado numa meiga e voluptuosa somnolencia. Meditava, quem sabe? pois o brevario jazia aberto sobre as pernas.

Caia da fresco, a cella era banhada de forte luz, que se escoava por uma larga janella, dando para um pateo ajardinado, onde as flores criminosamente se confundiam com a gramma e as hortaliças.

Parco e antiquado seu mobiliario: uma singela cama de madeira, uma commoda, um modestissimo lavatorio de ferro, encimado por um pequeno espelho quadrangular de estreita moldura de um doirado duvidoso, duas ou tres cadeiras de palhinha, uma *espreguiçadeira* e uma pequena estante de livros.

Como unicos adornos, dependurados á parede: uma folhinha de escriptorio, onde o algarismo 28 se lia em negras letras de alto relevo, e um Christo crucificado de olhar bondoso e meigo eternamente exudando sangue por entre as chagas rasgadas pelos aculeos judaicos.

Tudo em desalinho. Roupas, folhetos, jornaes, objectos varios, espalhados por toda a parte.

Ao sentir os meus passos pela porta semi-aberta, o velho conego estremeceu, fechou o brevario caido sobre umas das suas pernas e soergueu-se.

— Entre, quem é.

— Dá licença?

Entrei com passos vacillantes, chapéu na mão, tremulo, como se me achasse ante um super-homem e curvadamente lhe entreguei a carta.

Rasgou o enveloppe, leu-a rapidamente e olhando-me de esguelha, inqueriu-me:

— Então, vosmecê quer estudar, tem mesmo desejos de estudar?

De repente, abruptamente, como se uma idéa lhe ferisse o pensamento em doidas scentelhas, perguntou-me:

— Sabe ajudar missa? Então responda:

Introibo ad Altare Dei.

Ad Deum qui latificat juventutem meam, respondi.

— *Judica me Deus...*

E quando contrictamente batia no peito as palmas convencionais do *arrependimento*, que se seguem concomitantemente ao *mea culpa, mea maxima culpa* do *Confiteor Deo Omnipotente*, elle interrompeu-me, dizendo:

— Basta, vosmecê não estropéa muito o latinorio; não. Bem, si matricular-se na Escola fica na obrigaçao de, nos domingos, ajudar-me á missa. O soldado que me serve de sacristão não presta para nada. Está assentado?

— Está, balbuciei timidamente.

Depois acrescentei num rasgo de tardia cortezia:

— Terei muito prazer em ser-lhe útil, senhor
negro.

— É verdade; ia-me esquecendo, atalhou o
nervoso eclesiástico.

O padre... em sua carta me assevera que
simecê tem preparatórios, tem exame de por-
que?

Então vamos à prova.

Retirando da estante um velho exemplar
celebre poena camoneano, abriu de par em
os *Luzitadas*, e começou a declamar:

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras;
Vêm arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros, espingardas de aço puras.

(Cant. I. Est. LXVII).

parece que, no espírito do experimentado
eclesiástico, do ex-professor de vernaculo, qual-
quer coisa de bom, de agradável, de aprazível
lhe ficou gravado nessa espécie de *exame*
stibular, a que capiosamente me submetteria,
quanto se erguendo e dando por terminada a
sua *audiencia*, estendeu-me bondosa e affa-
mente a polpuda mão, que a beijei rever-
ente, dizendo:

— Vá descansado; vou fallar ao Visconde.

Após dias de mortificante e interminável an-
dade, em que as manhãs tremeluziam como
gas e doiradas esperanças e as noites se succe-
m entre os vagos anceios de uma dúvida
ou, recebi, enfim, por intermedio de um an-
o famulo do Convento, um simples cartão
de visita, em que numa letra minuscula, uni-
forme, cheia, de caracteres calligraphicos bem
mes, se lia mais ou menos o seguinte:
O conego... sauda e avisa que na Repar-
tão de Ajudante General se acha a sua re-
sição para a matrícula na Escola Militar.
Impareça lá amanhã sem falta para assentar
ca.

desnecessário descrever a alegria com que
ebi essa nova e com que soffreguidão subi
antes escalei os degraus da escadaria do
Quartel General.

Um tenente de cavalaria, de um bello porte
soldado, largo e bem cuidado cavagnai, ido,
gentil, de maneiras amaveis, me recebeu.
Depois de ter verificado que meu nome se
ava lançado no officio da Escola, despachou-
para o 2.º Regimento de Artilharia a Ca-
lo.

Essa antiga unidade do exercito ocupava pre-
samente a metade do vasto edifício de con-
strução aligeirada, oriunda da adaptação de um
largo *Cortame*, que a primeira administração
do conselheiro Junqueira adquirira para
le aquartelar os corpos montados da guarni-
ção da Corte.

Este grande casarão, que se ressentia e ainda
resentia, apesar das constantes remodelações
que tem passado, de todos os defeitos e
convenientes de uma accommodação inadequada
aos militares, estendia-se por todo o quartei-
lo compreendido pelas ruas da Feira, Imper-
ador e praia de S. Christovam (proximo dos
carros) e rua do Cortume.

As faces desse extenso parallelogrammo eram

circundadas por um terreno ou pateo interno
fechado por um gradil (excepto pela rua do
Cortume) de ferro, chumbado a um baldrim
de granito, tendo como unicas soluções de con-
tinuidade dous largos portões de ferro.

Transpostos esses portões externos, dos quais
um dava para a praia de S. Christovam (que
é principal do edifício) e outro, para a rua do
Imperador, reservado exclusivamente à serventia
dos officiaes, vencido o pateo interno, depa-
rava-se com outros dous portões rasgados no
proprio corpo do edifício e parallelamente aos
externos.

Pela lei do menor esforço entrei pelo da
rua do Imperador.

A direita do edifício, alojava-se a capella
do regimento, onde aos domingos e dias santos
toda a unidade assistia ao sacrificio da missa
celebrada pelo respectivo capellão; à esquerda,
se localizavam a secretaria, a casa da ordem e
o gabinete do comando.

Na soleira da porta da casa da ordem, que
olhava para o pateo interno, onde umas velhas
árvores proporcionavam sombras accommoda-
cias, agachada em X como um chinéz, de co-
ras, um tenente empunhava uma cuia com guar-
nições de metal branco, e envolta num guardan-
apo branco com barras azuis.

Uma bomba igualmente de metal branco mer-
gulhava inteira num líquido esverdeado, bojando
espuma à superficie, que elle sorvia em deli-
ciosos goles.

Junto a elle, em respeitosa distancia, um sol-
dado sustentava em uma das mãos uma pequena
chaleira de ferro com agua quente.

Era o ajudante do regimento que saboreava
o seu habitual matte-chimarrão.

Apresentei-me ao referido official, que se
mantendo na mesma posição chineza, apenas se
dignou erguer a cabeça e indicar-me com o pol-
legar da mão esquerda um sargento que, repri-
treado numa cadeira, parecia absorto na leitura
de uns papeis.

De cabeça baixa, sem alçar os olhos, resmuni-
gou algumas palavras desconexas e alteando o
diapasão de sua voz altitroante, bradou, ou an-
tes, vociferou:

— E' mais um doutor. Todos os annos é isso
que se vê: doutores e mais doutores. D'aqui a
tres mezes voltam esses diabos da Escola com
uma mão atraç, outra adiante, para o pão furado.

Era o brigada que assim fallava.

Esse brigada, ultimo rebento da raça dos tra-
quejados de officio, era de estatura acima da
normal, um tanto amorenado, magro, homens en-
colhidos, cór macilenta, compleição franzina, ver-
dadeiro specimen de futuro tuberculoso.

Como todo brigada, que se presava, pos-
suia a energia innata, peculiar aos que vêm
seus actos, por mais atrabilarios que sejam,
apoiaos, homologados por seus superiores
hierarchicos pelo falso principio da manutenção
da disciplina a todo transe, mesmo pelos pro-
cessos os mais repulsivos.

Era no regimento uma verdadeira potencia,
o terror dos sargentos, o pavor dos cabos, o
assombramento dos soldados e dos recrutas.

Tinha uma singular idiosyncarsia pelos offi-
ciaes de *curso* (nesse tempo a artilharia possuía
algumas dezenas de officiaes sem curso da arma);
toda vez que ao regimento se apresentavam
rapazes com destino à Escola, todo seu ser se

ritava numa colera macabra, irrompia em implosões, proferia palavras des cortezes, em que expressão *doutor* lhe irrompia ironicamente os labios, resabendo a fel.

E, se porventura, um pobre alumno, por circunstâncias várias, volvia ao regimento, então, brigada antegosava a suprema delicia de dar pansão aos seus *delicados* sentimentos affetivos.

O pobre *diabo* era escalado para tudo: guarda, neraes, plantão, ronda, até faxina; quasi sempre dobrava no serviço sob pretexto de falta de ssoal.

Fui mais tarde uma das suas victimas. Um dia bati de novo ás portas do regimento, amplificado na *prática* de *cavallaria*, por uma dessas *extravagancias* tão communs na vida escolar, volvi á fileira. Já com o curso de infantaria e cavallaria, simples soldado, me coube por sorte um funeral. De *guritão* de couro á beça, de espadagão á cinta, sob um sol aruento de Janeiro, montado nun dos cofres de na viatura-peça, sacolejando as visceras, trirando, moendo os ossos, em solavancos mil, recorri a longa distancia mal empedrada de Christovam a Botafogo e vice-versa.

Quando regressei, suarento, coberto de pó, jo moido, o *brigada* rejuviliava-se de goso.

— Então caboclo, que tal a *sovacada*? disse ele sorriente, esfregando as mãos.

Volvemos á nossa narrativa, interrompida pela apresentação no tablado das nossas *Reminiscências* de um *brigada*, tipo classico, producto genuino de uma época que felizmente passou, mas cujos effeitos bem de perto senti...

— Vá para alli, disse ele, em altos gritos, sentando-me para um grupo de seis rapazes que igualmente se destinavam á Escola.

— Sargentu X... escreva, ordenou ele a um militar, que numra outra mesa examinava atentamente uns mappas, o mappa diario, talvez. E um tanto irascivel, um tanto nervoso ou, como hoje se diz, amenizando os termos, um tanto *neurasthenico*, começou a submeter-me a um ligeiro interrogatorio:

— Como se chama? filho de quem, natural onde, estado, profissão?

— Estudante, titubiei.

— Qual estudante! Estudante é profissão? Vabundo é que é. Sargentu escreva: *profissão humana*.

E dardejando sobre mim um desses olhares esgossos, inflamados de odio, prossegui:

— Cór branca, cabellos castanhos escuros, olhos ardos...

E num largo gesto ordenou:

— Sargentu tome a altura desse *sujeito*. Ergueu-se automaticamente o sargentu, fez-me abrir a um pequeno estrado de madeira, onde perpendicularmente se empertigava uma longa régua de madeira graduada, em cujo limbo docente deslisava um pesado cursor, tambem de madeira.

O sargentu fez correr o cursor com toda a força sobre minha cabeça, mas o choque foi em parte amortecido pelos meus cabellos.

Em seguida leu em voz alta:

— Um metro e setenta centimetros.

Por igual interrogatorio e identicas formalidades tinham anteriormente passado os seis moços, que se tornaram meus collegas, e dos quais só

resta um, cuja amisade avaramente conservo, como no relicario do coração religiosamente se guardam as deliciosas recordações da mocidade.

— Prompto, seu tenente, disse o *brigada*. Só falta o juramento da bandeira.

O ajudante, depois de ter esgottado, escorregido, toda a agua contida na chafeira e renovado a herva por uma ou duas vezes, muito calma e pachorrentamente, se levantou e nos conduziu ao gabinete do commandante.

Ahi sobre uma mesa solememente erguida num estrado de madeira dormitava tranquillo e descuidado um velho e desconjuntado «Diccionario portuguez de Moraes» que, na ausencia de outros livros sagrados, ia representar o magno papel dos *Santos Evangelhos*.

Fechadas, mudas, immoveis jaziam as suas amarelidas e descozidas fo'has pelo uso; encerradas todas, dentro de uma rigida capa de encadernação portugueza, por cujos bordos vomitavam fragmentos de papelão, como se de seu bojudo ventre lhe tivesse a estirpado os intestinos.

Sobre esta capa estendemos espalmada a mão direita, enquanto com a esquerda seguravamos um esfarrapado estandarte, cujas *miserias* uma capa de oleado preto solicitamente escondia, e em cuja haste de madeira forrada de veludo verde, um galão d'ouro velho subia do conto até a haste de uma lança de prata, como as plantas sarmentosas e trepadeiras se enrolam, trepam, alcançam os mais altos muros.

E abrindo o *Formulario*, o tenente foi lendo pausada e demoradamente os celebres *artigos de guerra* do não menos celebre *Conde de Lippe*.

E toda vez que aos seus labios saltitavam os arcabuzamentos, os fuzilamentos, os enforcamentos, sublinhava maliciosamente a expressão para ver o effeito que tales termos sanguinarios produziam em nosso espirito de recrutas bisonhos.

De uma feita o vi com um sorriso, especie de motejo, a brincar-lhe na commissura dos labios.

Em seguida repetimos em conjunto a formula do juramento ditado pelo tenente sobre o velho e carunchoso *Diccionario de Moraes*, erguido momentaneamente á altura cyclopica de *livro sagrado*.

E assim por uma ficção ficámos jungidos, chumbados a um compromisso de derramarmos o nosso sangue até a *ultima gatta*, de immolarmos a nossa existencia até o derradeiro alento pelo *Imperador*, pela *dynastia reinante* e pela Patria.

Restava ainda uma ultima formalidade a preencher: o officio de apresentação.

O tenente secretario rabiscou ligeiramente umas linhas sobre umas tiras de papel liso que um sargentu passou a limpo, em largos caracteres calligraphicos, numa ampla folha de papel timbrado que o major fiscal, então presente, assignou na ausencia do tenente coronel commandante.

— Estão despachados, disse-nos soridente o secretario (um official moço, de bella apparença, de fino trato social), entregando a um de nós o officio aberto.

E gentilmente nos apertando a mão, acrecentou:

— Sejam felizes, rapazes.

E o tenente ajudante additou:

Voltem doutores, heim.
o alto de sua cathedra, rijo, espectral, como
esphinge, o brigada vociferou: Qual *doutor*,
queira *doutor*, o *pau furado* aqui fica os
rando.

assim me fiz ou me fizeram soldado...
quando decorridos quatro decennios, volvo-
olhos sobre o passado, e vejo minhas espe-
ras mortas, meus sonhos desfeitos, minhas
ações em plena decadencia, minha carreira
tar em franca fallencia, tenho, apesar de
saudades, saudades infindas desses tempos
se foram, periodo aureo de minha mocé-
e em que os meus ideias corriam velozes
doidas e doadas esperanças, que se cal-
vam numa *confiança profunda*, cristalizando-
na fé que escala montanhas.

Coronel Lobo Viana.

A importante palestra com o general Gamelin

**tarefa da Missão Franceza — A revisão dos
osso regulamentos militares — A harmonia
de vistas da Missão com o nosso Estado Maior**

(Transcripto do «O Paiz» de 20. 2. 20).

O illustre militar é de uma gentileza capí-
tante e, dispondendo logo a entender-nos, con-
iou-nos a sentar a seu lado, e nos disse, então
A tarefa da missão militar franceza é um
trabalho de grande tolego. Costumamos dizer
na França que para construir um edifício dura-
se não pôde prescindir de tempo. Aos nos-
sos camaradas brasileiros pedimos que esperem
m paciencia, para julgarem pelos resultados.
Sahidos da grande guerra, antes do mais, so-
mos «realistas», preocupados, não em discu-
thorias que, para nós, agora estão solidamente
estabelecidas, mas de profuzir. Nella
prendemos a subordinar-nos à lei dos factos;
embora permanecendo fieis ao nosso desejo
em latino de «generalização e clareza», temos
culto da «acção».

Esperai, pois, que o anno de 1920 seja para
os um período de «regularização de treinos»
latae que eu digo «regularização de treino»
não «ensaios». Cheguei ao Brasil ha quasi um
anno; conheço, portanto, vosso exercito. Expuz
o ministro da guerra, numa serie de relato-
rios, as medidas ao meu parecer dignas de
realizar a obra que a confiança do governo bra-
sileiro nos commetteu. Sei que estou inteiramente
de acordo, em todos os pontos, com o vosso
eminente chefe de estado-maior Bento Ribeiro,
cuja alta experiença e affectuoso apoio hei apre-
ciado em circunstancias diversas.

Agora, trata-se, por conseguinte, de «realizar».
Convencido estou de que, a partir do anno
proximo, começareis a medir o caminho per-
corrido, e 1921 ver-nos-á em «plena realização».

— Mas, isto irá aos poucos... aventuramos

— Sim, e eu insisto, neste ponto: a adapta-
ção do exercito brasileiro ás condições da guerra
moderna não será feita pelo «toque da vata
magica de uma fada», por mais apto que seja
vossa corpo de officiaes em receber as lições
da experiença e bem aproveitá-las. Muito in-
fluirá o aperfeiçoamento dos methodos, não ha
duvida; mas a transformação de vossa exercito
será tambem uma consequencia do desenvolvi-
mento dos materiaes modernos. E' preciso esco-
lher estes materiaes; é preciso adquiri-los; é
preciso, em seguida, que os executantes apren-
dam a utilisa-los. Penso que não deveis con-
tentar-vos em adoptar os materiaes «taes» com
serviriam durante a campanha.

— V. Ex. acha, então, que mesmo após a
guerra o material bellico tem evoluído?

— Precisamente. Resolvidos a dispender o que
a questão exige, é logico trabalhar pelo futuro,
e ter em todos os dominios o «ultimo modelo»:
isto é, materiaes resultantes dos ultimos ensi-
namentos da guerra e dos ultimos aperfeiço-
amentos da industria. Indispensável torna-se, além
disso, que sejam adaptaveis ás condições parti-
culares de vossos theatros de operações pos-
siveis.

Vede que o problema não é tão simples como
parece *a priori*; por querer andar muito ás
pressas arriscar-se-iam dissabores.

— E, quanto aos regulamentos?

— Sobre a questão dos regulamentos ficamos
immediatamente de acordo com o ministro da
guerra e o chefe do estado-maior sobre a neces-
sidade da respectiva revisão desde já. Eu mesmo
sozitei a collaboração de numerosos officiaes
brasileiros, escolhidos pelo vosso estado-maior,
entre os mais aptos a prestar-nos o concurso ne-
cessario. Não se trata de discutir a doutrina de
guerra: é a de Napoleão, de Joffre, de Foch;
mas tambem, com pequenas diferenças, a de
Moltke ou de Ludendorff. Não vejo quem den-
tre nós pensaria em reaviva-la.

Tambem não se trata de discutir, em seu con-
junto, os processos de combate que as lições
da experiença nos impuseram; franceses e alle-
mães, diante das mesmas necessidades, chega-
mos ás mesmas soluções. A «lição dos factos»
ahi está; ha coisas que ninguem, entre os exer-
citos belligerantes, discutiria mais.

Trouxe uma porção de instruções táticas
dadas durante a guerra do lado francez e do
lado allemão; assemelham-se extraordinariamente.
Contem, pois, uma «verdade» passageira por-
que corresponde a um estado determinado dos
progressos do armamento; mas uma «verdade»
mesmo assim, diante da qual os olhos não po-
dem deixar de se abrir.

Todavia, estes «processos» devem ser aplicados, no caso particular do exercito brasileiro, tendo em vista seus terrenos de ação eventuais, condições de clima, sistema de comunicações, etc. Portanto, a elaboração de vossos regulamentos só pode ser uma colaboração: nós vos trazemos as «lições de nossos grandes mestres», os vencedores de hontem, e ainda as «lições dos factos» que supportamos; vós acrescentareis vossas tradições nacionaes, vossa experien-
cia propria ás vossas condições particulares.

No domínio dos regulamentos, como nos outros, não podemos construir «de improviso» uma obra definitiva. O que chamamos nós «instruções para a conducta das grandes unidades», e que é nosso verdadeiro corpo de doutrina, não existe aqui. Alguns são inspirados mais ou menos em regulamentos alemães ou franceses de antes da guerra: não consignam as modificações effectuadas durante a campanha, porque, naturalmente, estas modificações conservaram, até hoje, o carácter de documentos secretos. Certos podem, desde já, ser revistos, porque são independentes, no conjunto, de alguns progressos a realizar no armamento; outros, ao contrario, dependem essencialmente do armamento que ides adoptar.

Esperai, por conseguinte, atravessar um período analogo ao que transpuzemos desde o inicio da campanha. Partimos para a guerra com um conjunto de regulamentos semelhantes e um armamento semelhante ao que tendes hoje; fomos obrigados a modificalos progressivamente em consequencia da experiença adquirida ou do aperfeiçoamento do armamento. No Brasil, nada temos a hesitar; porque a experiença volta trazemos ao desempenhar precisamente o nosso papel; e, no domínio do armamento, approximadamente sabemos para onde vamos. Mas, com um programma bem definido que vamos ultimar em harmonia com o vosso estado-maior, só podemos agir por etapas successivas, de conformidade com a transformação effectiva de vosso armamento e o cuidado de perturbar o menos possível a instrucção da tropa.

Eis ahi, em grandes linhas, o resultado de minhas conversações com os chefes responsaveis de vosso exercito. Para nós, filhos de uma democracia onde temos a pratica de uma disciplina firme, mas livremente consentida, não queremos aqui «impôr», mas «convencer» e «adaptar». E' por isso que estamos certos de marchar em accordo perfeito com os nossos camaradas do exercito brasileiro.

O que podeis esperar de nós não são «theorias» novas ou brilhantes, susceptiveis de tudo revolucionar, arriscando consequentemente tudo

destruir, sem certeza de reconstruir; mas «realizações» que só podem nascer de nossa collaboração, de nosso esforço commun e continuo.»

Psychologia militar

Unidade de doutrina

Em que peze aos muitos theoricos que ainda pululam no nosso exercito, o official é antes de tudo um conductor de homens. Assim sendo, um conjunto de homens constituindo uma multidão, psychologicamente fallando, necessita o official desde que assumiu a chefia da sua unidade, conhecer o espirito de que a mesma está imbuida, bem como os sentimentos que a agitam, para que bem possa comandala.

De varios paizes, com intermitencia relativa surgem officiaes de reconhecido valor, solicitando insistente para as suas patrias a criação de um sentimento forte, varonil, pouco importando sua especie, capaz de reunir estes homens por un laço mais forte que o prestigio do chefe que commanda a unidade.

Com especialidade na guerra é mister que os homens marchem, sentindo-se apoiados phisica e moralmente sobre tudo, por todos os lados, cheios sempre da mais absoluta confiança no chefe, de quem depende a vida delles; só assim se alcançará delles o que fôr necessario, mesmo o sacrificio da vida.

A razão de ser disso evidencia-se por si propria. Um exercito levantado da noite para o dia, lançando-se para isso mão de todos os recursos, como forçosamente será o nosso se não evoluirmos do actual estado de coisas, terá o seu elemento homem inevitavelmente heterogeneo, já pela intelligencia, já pela educação (basta-nos por isso saber que infelizmente a grande maioria dos nossos compatriotas é de analphabetos).

Claro está, porém, que a falta de homogeneidade destes factores, não acarreta o mesmo quanto aos sentimentos, instintos e paixões (G. Le Bon—Psychologie des Foules), por quanto a diferença de carácter entre um sapateiro e um intellectual é infima, e nós bem sabemos que o elemento principal no soldado é o carácter!

Ora, sabendo-se a poderosa influencia

que os chefes exercem sobre a tropa, é b'vio que estando esta em um estado de receptividade psychica, profundo, ella girá portanto reflexamente, e isto porque «esta tropa está perante seu chefe como um navio sem governo» (Campeau Psychologie Militaire).

Entretanto se estes homens estiverem gados por um sentimento qualquer, forte, já não mais agirão reflexamente e sim conscientemente. Se o chefe não analyse e chegar a conhecer perfeitamente os sentimentos de sua tropa, seu modo de agir tornal-o-á mal visto pelos seus commandados, e não poucas vezes ridicularizado; perdido o prestigio, e para isso muita vez basta apenas um gesto, nunca mais este chefe obterá de sua tropa sacrifícios de qualquer especie.

Si Napoleão não soubesse quaes eram os sentimentos heroicos que animavam os seitos franceses da sua época, si não tivesse a certeza que a noção mais elevada então, desde o aristocrata ao burguez, era honra, não teria por certo conseguido executar a marcha triumphal que fez pela Europa acenando apenas aos seus bravos rognards com a «degião de honra!»...

Acreditaes que se elle mostrasse aos seus «soudarts» os estandartes dos cruzados elles conquistariam a Europa? Creio que nos seus labios erraria o mesmo sorriso ironico que nos dos soldados de Aníbal, se se mostrasse uma condecoração qualquer como premio á conquista de Roma!

Compulsando a Historia, a excelsa n'estra, chega-se á conclusão de que sempre que um povo attingia um alto grao de civilisação, naturalmente compativel com a sua época, era porque um sentimento nobre e forte, dominava este povo, originando dahi o elemento unico da grandeza de um paiz: a unidade de doutrina.

A especie do sentimento pouco importa, é preciso apenas que elle seja capaz de empolgar todo um povo, toda uma raça, é preciso que seja masculo, senhoril, poderoso; assim foram os sentimentos que dominaram os grandes povos desde Roma até a Alemanha de hontem!

Foi comprehendendo a necessidade da unidade de doutrina, que Felippe II entreviu a grandeza do seu poderio e para attingil-a lançou mão do sentimento religioso então predominante; presa por este laço vigoroso conseguiu a Hespanha

alçar-se aos pinaculos da gloria em Lepanto e Saint Quentin, onde ficou evidenciado o valor da sua marinha e sobretudo do seu exercito.

O rigor de Felippe II chegava a ponto de considerar crime de lesa magestade a transgressão á unidade de doutrina, isto é, do sentimento religioso; foi por isso que a Hespanha foi grande, magnifica, foi por isso que conquistou mundos e encheu de ouro puro galeões sem conta durante quasi meio seculo, que tanto foi o seu dominio.

A prova mais cabal de que era o sentimento religioso o causador da unidade de doutrina na Hespanha, é que ella só pôde ser vencida por outra nação em identidade de condições; a Hollanda só conseguiu abater o seu poderio e conservar-se independente, prosperando a passos giganteos, quando o sentimento religioso produziu nella os mesmos efeitos que na sua rival.

Vencida a Hespanha catholica, ergueu-se a Hollanda protestante, em pouco conquistando o mundo como sua antecessora.

A França só nos mostra toda a pujança do seu povo, toda a heroicidade de que é capaz quando o sentimento patrio é incapaz quando o sentimento patrio-tico dominando todos os corações atende ao appelo: «A patria está em perigo!»

Dumouriez e Napoleão escrevem a gilvazes de sabre e pontaços de lança toda uma epopéa de victorias: Valmy! Jemaptes! Wagram! Austerlitz! E tudo isto porque havia unidade de doutrina, enfeixada em um sentimento.

A Alemanha de hontem, essa heroica Germania, que durante quasi um seculo manteve a liderança militar do mundo deve-o unicamente ao ponderoso e nobilissimo sentimento militar diffundido por todas as classes sociaes, já pelo mestre escola, já pela imprensa; nascido em Jena assistio elle á evolução crescente da Alemanha, passando por Sadowa, Sedan, Charleroi, Mons e Lagos Masurios.

Vemos assim diversos sentimentos, originando a unidade de doutrina, factor unico da grandeza de um paiz.

Analysando o nosso paiz, é pezioso que o affirme, infelizmente entre nós não perdura sentimento de especie alguma; urge que despertemos um qualquer delles.

O que porém é inegavel é que o unico laço que ainda liga as afastadas regiões de nossa patria, são as forças

armadas; isto serve de prova a um conceito de Napoleão, que diz: «São os militares que fazem as repúblicas e são elles que as sustentam!»

Ora, se é assim, temos um terço do caminho andado para atingir um dos alvos: «sentimento militar, ponto de convergência e de irradiação de todos os outros sentimentos.

Além de que é tão fácil criá-lo! Parece-me estar vendo em vossas faces um ritmo sceptico ante tanto optimismo; é que ainda não vos lembraes da alavanca poderosa que é a imprensa entre nós. Aqui com raras exceções, todos pensam e agem segundo ella, apenas por preguiça intellectual.

Todos os homens assemelhando-se pelo carácter (Sevett Mardeu — La volontad), é facil tocar-se-lhes o sentimento.

Attingido nosso objectivo, veremos 35 milhões de brasileiros unidos por este laço poderoso, pulsando em unisono todos os corações, num esforço masculo empenderem um surto vigoroso para a liderança do mundo, fácil de obter depois de conseguida a unidade de doutrina, como o prova a Historia.

Sejamos homens! Enfrentemos o problema com a convicção do forte que sabe que deve e que vai vencer! Dedicemos a esta causa todas as nossas forças e o melhor dos nossos esforços, toda a nossa intelligencia e bôa vontade!

Rio, 9-9-1919.

Aspte. a off. de art. *Lysias A. Rodrigues*.

O terreno e o commando das tropas

De um livro do coronel von Hagen, traduzido pelo capitão J. E. Pfeil.

«Todo combate apresenta uma physionomia particular, resultante dos objectos do terreno em que elle se trava, si bem que não mudem por isso os principios geraes do combate.»

Meckel.

Introdução

a) *Da accão reciproca entre terreno e emprego de tropas.*

Terreno e emprego de tropas se influenciam mutuamente e exercem constante accão reciproca.

A tropa age sempre sob a influencia do terreno; não raramente ella se submetterá mesmo á sua accão incondicional.

O ataque de infantaria dirigido através da planicie desabrigada fracassa infrutífero; em terreno coberto elle pôde ser corôado de successo, com perdas insignificantes.

O terreno unido e aberto eleva a carga da cavallaria ao choque anniquilador, ao passo que um ataque lançado com não menor impulso esbarra completamente n'um corte de terreno.

Um campo de tiro livre proporciona á artilharia uma accão decisiva no combate; um campo de tiro limitado reduz seu rendimento a um valor pouco apreciavel.

Inversamente, a influencia da tropa sobre o terreno é mediata ou immediata: aqui eleva ella, mediante obras artificiaes, a capacidade defensiva do terreno quasi á potencia de uma fortaleza; alli abre ao atacante o accesso a uma posição inexpugnável.

Em resumo, por toda parte onde se realizam operações militares se destaca com toda a evidencia a influencia reciproca entre tropa e terreno.

O commando de tropas não só deve aceitar essa dependencia como toma-la em consideração em todas as suas resoluções como um factor importante e, em certas circumstancias, decisivo: menosprezar essa influencia se traduzirá em elevadas perdas; ligar-lhe demasiada importancia terá como consequencia insucessos permanentes. Collocando-se n'um ponto de vista médio o commando dominará as circumstancias de terreno e tirará delas partido.

O terreno no serviço do commando de tropas representa mais um seguro meio de vencer.

b) *Da importancia do reconhecimento do terreno*

A carta offerece ao commandante uma imagem do scenario em que elle quer ou é obrigado a operar.

Apezar d'isso será sempre necessário completar mediante reconhecimento a imagem cartographica, mais ou menos deficiente.

O commandante emprehenderá elle mesmo esse serviço; é isso o melhor, da mesma forma que o esclarecimento do inimigo pelo commandante constitue o ideal desse reconhecimento.

Nada substitue para elle a inspecção pessoal e as conclusões immediatas d'ahi resultantes.

impedido por outras obrigações, elle fíará o reconhecimento a officiaes propriados.

Uitas vezes será possivel combinar o conhecimento do terreno com o do inimigo.

reconhecimentos especiaes, referentes a profundidade de aguas, densidade de casas, etc., são não só desejeveis como essencialmente necessarios. Na sua execucao deve o official proceder com o maior cuidado e consciencia empregados no esclarecimento do inimigo.

Quanto mais clara a imagem do terreno da, pessoalmente, pelo commandante mediante reconhecimento ordenado, o mais adequadas resultarão indubitavelmente suas disposições tacticas. missões no reconhecimento do terreno são tão sensiveis como o esclarecimento completo do adversario.

c) Objectivo dos themes.

Os themes que se seguem destinam-se a indicar um caminho apropriado não só a edição individual como á pratica de conhecimento.

O methodo escolhido não se pode dar repetições na exposição, pois foi salientemente necessário exprimir aqui o trabalho preparatorio das reflexões do encarregado do reconhecimento.

Salientemente pôde realizar um reconhecimento util o official que conhece a essencia do terreno, de cada uma de suas partes e de cada forma isolada sobre o emprego das tropas.

O official precisa, por assim dizer, sentir imediatamente como cada particularidade do terreno exerce sua influencia sobre a utilisação da tropa, tanto de modo geral como em cada caso. Por esse motivo serão os themes precedentes de considerações geraes e do estabelecimento das condições tacticas ordinárias.

O desempenho dos diversos themes deve ser adequado ao seu curso real e efectivo. O resultado do reconhecimento expresso e encerrado por meio de relatorio verbal ou escrito ou de partição.

Assim deverá este methodo do desenrolcamento nos exercícios de reconhecimentos de terreno trazer vantagens na parte importante do commando das tropas, mostrando como o terreno é útil ao seu serviço.

II

Themes e Soluções (*)

1.º Thema:

Reconhecimento de uma posição defensiva.

A) Generalidades sobre as condições que o commando, na defesa, exige do terreno.

A essencia da defesa consiste em repelir a decisão planejada pelo ataque.

A defesa quer ou impedir completamente essa decisão ou retardá-la tanto que possa pelas circunstancias (chegada de reforços, situações favoraveis de combate) passar por sua vez a um contra-ataque decisivo.

No primeiro caso temos a defensiva pura ou incondicional (passiva) tal como ella se manifesta em sua mais nítida forma nas ações de retaguarda. A luta reveste-se de um caracter essencialmente dilatório.

No outro caso temos a defensiva condicional, transitoria (activa) a qual tem lugar nas ações de vanguarda, nas batalhas defensivas, etc. A luta se transforma de contemporisante em decisiva.

A defensiva conta sempre especialmente com o auxilio do terreno pois por meio d'ele quer ella assim compensar outros pontos fracos (inferioridade numerica ou moral).

Segundo a situação tactica as condições do terreno serão gradativamente variaveis, porém fundamentalmente as mesmas.

N'uma retaguarda, por exemplo, corresponde na maioria dos casos á situação tactica e defesa passiva um obstaculo absoluto na frente e nos flancos.

Da mesma forma um obstaculo frontal e apoio dos flancos constituem uma exigencia da defensiva activa com a restrição, porém, que isso não impeça o contra-ataque.

Para o reconhecimento que tem em vista a escolha de uma posição defensiva serão as condições a que deve satisfazer o terreno, em sua essencia, sempre as mesmas.

Compete ao encarregado do reconhecimento modifical-as segundo o tema tactico, decisivo em cada caso particular.

(*) Carta de Metz: 1:100.000.

N. da R. — Serve a mesma dos themes de Griepenkerl.

Essas condições são as seguintes:

1.º — Na frente

a) Situação dominante em relação ao campo de ataque, vistas sobre disposições inimigas (contra-medidas oportunas).

b) Campo de tiro livre nas distâncias eficazes da artilharia (observação) e infantaria.

c) Obstáculo frontal: para a defensiva passiva — absoluto; para a defensiva activa — conformado às intenções do ataque.

2.º — Nos flancos:

a) Terreno impraticável como protecção dos flancos ou

b) Ponto de apoio, ou

c) Campo de tiro eficaz para artilharia (observação) e infantaria.

3.º — Na posição:

a) Espaço correspondente ao efectivo da força.

b) Posição para a infantaria na frente da artilharia, ambas cobertas.

c) Praticabilidade.

d) Pontos de apoio e reductos.

e) Cobertura para as tropas de reserva.

4.º — Na retaguarda:

a) Praticabilidade e cobertura.

b) Posição de acolhimento cerca de 3 Km atras.

c) Estrada para a retirada, normal à posição.

B. Thema.

Um destacamento azul (4 batl. inf.; 2 esq.; 3 bat.; 1 comp. sap.) em marcha de Monneren (cerca de 9 Km. a leste de Inglingen) contra a Mosela, recebe ao chegar a ponta da infantaria a 2 km. de Inglingen, a notícia de que um inimigo, numericamente superior, segundo parece, transpõe a Mosela em Ukingen.

O commandante do destacamento resolve oppor-se com tenacidade a um ataque entre Kanner-Bach e Bibisch-Bach (1).

Que apreciação faz do terreno em questão o official expedido com o fim de reconhecer o; que posição escolhe?

A apreciação deve ser apresentada em forma de relatório escrito.

Recomenda-se que o tema seja também acompanhado na folha Diedenhofen (n.º 3535) 1:25000 (2).

Desenvolvimento

Escolha do caminho, considerações táticas, inspecção geral do terreno.

O official incumbido do reconhecimento medita antes de tudo sobre o caminho que elle pensa seguir no seu desempenho.

O objectivo mais proximo é aqui, a altura 262.

Grande influencia tem a escolha do caminho. N'essas condições será de muita utilidade, mesmo nas soluções pela carta, determinar bem o caminho que se tomaria no caso real e seguir-o na execução.

Ao mesmo tempo que o official segue para a altura 262, atravessa Inglingen e observa a localidade, a ponte sobre o arroio Kanner e o proprio arroio, elle recapitula a situação tática do destacamento:

Este pretende se oppor tenazmente entre os arroios Kanner e Bibisch a um inimigo numericamente superior, esperado na direcção de Uckingen.

Por essa razão consistirá a missão do official incumbido do reconhecimento em escolher um terreno que facilite, tanto quanto possível, esse plano, que ao mesmo tempo comporte o mais tactivamente a superioridade numérica do inimigo e que em espaço corresponda á força do destacamento.

O official calculou que a frente da posição não deve exceder de 800 m.

Durante estas cogitações o official, seguindo a estrada, subiu a forte encosta do Kanner-Bach e alcançou a altura 262. Aqui tem elle diante dos olhos um vasto panorama.

O terreno pelo qual se fará provavelmente a marcha de approximação do inimigo, se desdobra diante d'elle. A encosta occidental completamente descoberta e inclinada quasi uniformemente para o arroio Bibisch permite golpe de vista illimitado até o encaixe do mesmo arroio.

Ao oeste do arroio Bibisch ha vistas livres até por cima da aldeia Stückingen e com o binocolo se pode seguir a estrada até a Mosela, enquanto a cobertura do matto só aqui ou ali permitta a inspecção do terreno adjacente.

O exame geral do terreno, completando a apreciação feita na carta, leva o official á conclusão de que não existe uma posição frontal com forte obstáculo pela frente e bem apoiada nos flancos como é

(1) Bach significa arroio.

(2) A folha mencionada não acompanha o livro do autor.

esejável para uma defesa tenaz. Mas também o commandante do destacamento não prescreveu que a posição seja frontal; pois necessário examinar se não se chará uma posição de flanco. Isso é autorizado pela circunstância do destacamento se achar em território patrio (maior segurança para as ligações).

Em virtude do pouco tempo disponível, esta questão deve ficar resolvida desde logo na altura 262 para que, depois deixa-la o official possa avançar sem perder de tempo.

Uma posição de flanco com a esquerda a altura 262, e a direita mais ou menos em K. O. (3) junto à estrada Waldesdorf-Diesdorf não encontra apoio no terreno.

Mesmo a mais importante hypothese de achar fortemente apoiado o flanco (direito) voltado para o inimigo, não se verifica.

Quizesse se realizar tal hypothese, mesmo em fraca proporção, apoiando a posição no arroio Bibisch, as circunstâncias relativas à retaguarda já de si desfavoráveis se agravariam com o facto de levar o destacamento a Mosela pelas costas, situação digna de muita consideração para uma força numericamente inferior.

Esta objecção cresceria ainda com a ocorrência de uma posição de flanco, mais ao norte.

Ao sul da estrada as coisas se apresentam mais favoráveis.

O terreno à retaguarda não oferece dificuldades.

Além disso ha a circunstância favorável em que a estrada Inlingen-Metzerwiese facilita o acesso à posição, a qual teria para extremo direito a altura 251 (25000 251,3) e para esquerdo a vila Metzerwiesen.

Acontece, porém, que o flanco ameaçado (squerdo) não é suficientemente forte para impedir que «o inimigo tome a diagonal e por ali flanqueie a posição» (4).

Depois que o official chega à conclusão de que as condições topographicas não autorizam a escolha de uma posição de flanco, dirige elle sua atenção para o terreno no qual o destacamento deve se apresentar e frete para leste.

(Continúa)

(3) K. O. significa forno de cal, cajearia, calera.

(4) Moltke «Themes tacticos».

O OBSERVADOR EM AVIÃO

Ao passo que as proezas dos pilotos de aeroplanos, durante a guerra, tiveram grande publicidade e bastante contribuíram para o reconhecimento da nova «arma», o trabalho do observador foi conservado na sombra, só d'elle tendo scien-
cia os interessados na conducta e desenvolvimento das operações. Ainda hoje, penso, será para muitos uma sur-
preza a affirmativa de que a organização de um nucleo efficiente de observadores tem tanta importancia como a formação dos pilotos.

Esta ignorancia dos seus serviços é uma das causas que fazem o trabalho de observação em avião uma tarefa ingrata; entretanto, se exceptuarmos a aviação de caça, em que pilotos de capacidade excepcional se distinguem individualmente no vôo de machinas especialmente construídas para o combate, em todos os outros ramos da aviação o observador é o com-
mandante, o cerebro do aeroplano, sendo dada ao piloto a função puramente me-
chanica da manutenção do equilíbrio no ar e governo do motor.

Esta é a razão pela qual, em certos serviços aereos, especialmente no frances, tanta importancia é dada ao observador, que é sempre um official, ao passo que o piloto é na maior parte dos casos uma praça de prét.

O unico serviço aereo que d'isso faz excepção é o inglez, onde o piloto militar é commissionado em 2º tenente, ao obter o brevet; entretanto, os proprios ingleses reconhecem a inconvenien-
cia d'este sistema e explicam que elle foi adoptado para facilitar o recrutamento dos cadetes aereos durante a guerra, e fazer que os jovens das escolas, filhos de famílias ricas e possuindo relativa instrução preliminar, voluntariassesem para a Royal Air Force de preferencia a se matricularem nas escolas do exercito e da marinha, onde a obtenção do galão só é conseguida depois de annos de estudo.

E' verdade tambem, que a R. A. F., ingleza, é uma das anomalias criadas pela guerra e que fatalmente será modifi-
cada, desaparecendo seus «Air-Marshals», «Marshals of the Air», Air-Commodores, etc., postos sem commando e sem função, quando o bom senso voltar a predominar e a organização militar ingleza fôr revista.

O preparo technico do observador é um dos mais complexos possíveis; além das qualidades de resistencia e perfeição physicas indispensaveis a todo piloto, elle deve possuir um preliminar e profundo conhecimento da organisação das diversas armas, tactica e estrategia. O observador ideal seria um official de Estado Maior, mas infelizmente estes em geral passam da edade em que o organismo se adapta ás sensações do vôo e resiste com sucesso ás manobras aereas, desagradaveis, algumas vezes, e fatigantes, sempre. Porque, como o piloto, o observador está sujeito ao que é designado como «Flying Stress», isto é, a usura do organismo pelo vôo continuado, com a perturbação dos systemas nervoso, circulatorio e de respiração. As estatísticas estabelecidas pela R. A. F. publicadas ultimamente, provam que a vida de vôo, isto é, o periodo em que o aviador pôde se considerar perfeito, não passa de quatro a cinco annos, findos os quaes elle deve abandonar, se não de todo, pelo menos o «vôo de guerra», passando a voar em machinas lentas e a pequena altura.

O trabalho do observador comprehende todos os ramos dos serviços aereos, desde a aviação de reconhecimento até a de combate, passando pela de bombardeio e pela de regulação do tiro de artilharia.

O seu treinamento puramente de aviação comprehende: navegação aerea e estudo da compensação da bussola, meteorologia, photographia, telegraphia e telephonia sem fios, tiro de metralhadora e manobra do lançamento de bombas.

Se a isso juntarmos conhecimentos de tactica, estrategia, fortificação, organisação das diferentes armas, tiro de artilharia e uma pratica profunda da leitura de mapas, veremos que o preparo de um observador é muito mais complicado que o de um piloto.

Além das qualidades intellectuaes e physicas, deve o observador possuir um temperamento especial, frio; todos os que voaram sabem a diferença que ha entre conduzir um aeroplano e d'elle ser passageiro; nesta ultima situação a tensão nervosa é dupla; ha a especie de *vasio* que se sente nas manobras inesperadas e uma desconfiança instinctiva na capacidade do piloto em se «safar» de uma situação difficil; o observador tem que dominar

este sentimento e entregar-se com confiança ao seu piloto, só se preocupando com sua missão; é tal a diferença entre as funcções de guiar e ser guiado no ar, que pilotos experimentados, treinados em multiplos combates aereos, declararam francamente que nunca seriam observadores, porque não teriam *nervo* para isso.

O treinamento dos observadores está dividido nas diferentes especialidades a que elles se dedicarão; uma organisação numerosa pôde se dar ao luxo de possuir observadores especializados em um unico serviço, obtendo assim melhor rendimento e perfeição de trabalho; outras, menores e dispondo de pequenos recursos, terão de generalizar a instrucção d'elles, fazendo-os servir em todos os ramos do serviço. As partes de navegação, tiro de metralhadora e telegraphia, são communs a todos os observadores, qualquer que seja o ramo a que elles se dediquem depois de prompts.

E' na parte do reconhecimento, a mais importante de todas as funcções exercidas pela aviação, que o papel do observador tem maior campo de accão. Os aviões são os olhos do commando e a não ser em occasões de nevoeiro baixo, elles conservam o inimigo debaixo de uma vigilância constante, mantendo por meio de signaes opticos, telegrapho, telephone, photographias e relatorios especiais, o commandante a par de todos os movimentos passados na zona vigiada.

O reconhecimento pôde ser tactico ou estrategico; o primeiro comprehende o campo de batalha ou theatro de operações; o segundo tem seu campo de accão se extendendo por toda a zona ocupada pelo inimigo; este ultimo é feito por machinas especiaes, aptas a se manterem no ar por longo tempo e sahem com um objectivo fixo, determinado pelo Estado Maior ou pelo Commando em Chefe; aquelle, tem como fim a photographia e observação de uma zona limitada e está sujeito a um commando local. Nesta ultima parte, principalmente, o trabalho do observador é, pôde-se dizer, sem limites determinados; elle tudo deve ver; do movimento de um exercito á descoberta de um canhão; tudo o que se passa na sua zona deve ser relatado ou photographado; um trem que traz material, um comboio, o estabelecimento de pontes, a construc-

o de trincheiras, o desmascaramento das *mouflages*, destinadas a illudir o, tudo teressa ao observador, tudo para elle importancia. Sua é a responsabilidade por uma informação que pôde custar a dada de milhares de homens e da sua actividade depende muitas vezes o sucesso de uma manobra.

Sob a protecção dos aviões de caça, e pairando acima estão promptos a protegê-lo contra qualquer ataque, elle corre para a sua missão, ou circula sobre sua zona e, enquanto o piloto ziguezaguea entre as explosões dos projectis de artilharia anti-aérea, elle photographa, anota, telegrapha ou telephona, sem se lembrar de que a sua vida está a merecer um tiro fez, da surpresa de um ataque por um aeroplano inimigo, ou de um desfalcamento do seu piloto.

O sucesso na guerra sempre dependeu o serviço de informações e este, quando feito por aeroplano, atinge a uma perfeição d'antes inimaginável; o serviço de photographias do front, feito diariamente, permitia que os commandos pudessem acompanhar os movimentos do inimigo, em uma minucia de detalhes desconhecida até a Grande Guerra.

A photographia aérea é hoje o auxiliar dispensável do E. Maior; nos dias que precederam a offensiva do Somme, houve cem photographicas que tiveram de produzir mais de 4.000 provas diárias e anobras inimigas que escaparam á observação dos aviadores foram descortadas por detalhes de clichés revelados; sim é que a «linha de Hindenburg» foi descoberta em Março de 1917 pelas photographias de uma secção ingleza, tendo então escapado a todas as observações das...

Em artigo ulterior tenciono estudar a técnica da photographia aérea a sua organização nos exercitos belligerantes.

Outro ramo de aviação em que os serviços do observador são de imenso valor e exigem prévio treinamento, longo e perfeito, é o da regulação de tiro de artilharia; para isso um aeroplano é desviado para uma dada bateria e vôa sobre o objectivo; á proporção que os disparos são feitos, o observador telegrapha ou telephona o resultado a uma estação receptora que se comunica com o director de fogo; os resultados obtidos por este

processo são maravilhosos, não só relativamente á efficacia do fogo como á economia de projectis.

Em uma manhã clara, era comum verem-se no front diferentes aeroplanos voando ao mesmo tempo e regulando o fogo de diferentes baterias, e a eficiencia dos operadores era tal, que apesar do numero de machinas a enviarem simultaneamente mensagens, elles nunca misturavam os signaes...

Uma das desvantagens da radio-telegraphia aérea é a dificuldade de recepção dos signaes; ao passo que é facil enviar um despacho a uma distancia de 20 ou 30 milhas, é actualmente impossivel, com as machinas em uso, receber os de distancias maiores de 2 ou 3 milhas; a causa d'isto é que a terra para o apparelho tem que ser obtida empregando o metal do motor, o que não permite grande raio de acção. Outro inconveniente é o do ruido dos motores que torna difícil ouvir os signaes, principalmente os telephonicos.

Apesar d'estes inconvenientes os serviços prestados pela «aviação de artilharia» podem ser avaliados pelo successo das artilharias aliadas, iniciado quando a superioridade numerica dos aeroplanos alemães começou a se fazer sentir e elles perderam a hegemonia aérea na fronte occidental.

Correlata com a regulação do tiro de artilharia e com a de reconhecimento tactico, é a «aviação de ligação»; nesta o serviço do observador consiste em estabelecer a ligação entre o commando na retaguarda e as columnas de assalto ou forças estabelecidas na primeira linha; elle acompanha a infantaria, dá-lhe detalhes sobre as disposições do inimigo, avisa-o do perigo de uma bateria mascarada, de metralhadoras em emboscada e mantém assim o commandante em constante conhecimento do que se passa com suas tropas; algumas vezes, as forças amigas entraquecem; então, rapidamente, desce como um falcão sobre a preza, o aeroplano restabelece o equilibrio, metralhando o inimigo, ou sobre elle despejando sua reserva de bombas.

O mais novo de todos os serviços, o tank, nada poderia fazer sem o auxilio do aeroplano; pairando sobre os lentes

extranhos engenhos, elie os protege das baterias anti-tanks, e muitos foram assim alvos de destruição; as memórias do «Tank-Corps», ultimamente publicadas estão cheias de exemplos d'isso e seu autor evoga a ideia da associação de uma secção de aeroplanos a cada secção de tanks.

No serviço de bombardeio, principalmente nos nocturnos, além da manobra do lançador de bombas, compete ao observador a direcção da navegação; elle tem que vigiar a bussola, a carta e o terreno incessantemente; a orientação no ar é quasi que um instinto; de noite, ou quando se navega acima das nuvens, com completa ignorância do solo, a navegação aerea, apresenta problemas como nunca um capitão de mar teve que resolver; viagem e talvez a vida, estão limitadas pela reserva de petróleo, e um descuido, um vento forte que derive o apparelho não fôr contrariado em tempo, pôde obrigar o piloto a uma descida em território inimigo ou em lugar inapropriado.

Toda esta minha longa enumeração de serviços prestados pelo observador e da sua intima ligação com o piloto na navegação aerea, servem para mostrar a importância de um ramo de serviço completamente ignorado e que não teve para recompensal-o, durante a guerra, o mesmo rombetejar da fama e a arcoirisação das decorações que foram o apanhado dos pilotos.

Londres, 3 de Outubro de 1919.

Tenente *Altair Martins*

Passagem para creado A lei n.º 1473 de 9 de Janeiro de 1906 manteve no seu art. 40 o direito á passagem de creado para todo oficial e ainda declarou que esse direito persistia mesmo no caso em que a creada ou creado não pudesse acompanhar a família do oficial e precisasse mais tarde reunir-se a ella.

Essa disposição, de apparencia insignificante, foi revogada em aviso recente.

Consultando porém a officiaes que têm precisado usar daquelle direito, que têm viajado com as difficultades inherentes aos nossos transportes e á vida dos pequenos centros, conclue-se que tal revogação foi bem prejudicial e retirou aos militares um dos direitos que sensatamente lhes eram concedidos, como consequencia de uma analyse reflectida, sob a luz de uma

experiencia que penetrava e media o alcance de cada acto.

Através das multiplas restrições que dia a dia vão sendo impostas aos militares, todos elles, como homens, iguaes aos outros da mesma capacidade e cultura, são insensivelmente levados á fixação de domicilio com prejuizo para o serviço e embaraço para a administração publica.

Hontem revogavam as disposições sobre a *ajuda de custo*, fazendo-a depender do tempo de viagem, tirando a esse pequeno auxilio o caracter de servir ao novo estabelecimento do oficial. Ao que nos parece não é diferente o prejuizo de um official que desmonta sua casa, desfaz-se do que tem e vai do Rio ou Corumbá para Jundiahy ou Porto Alegre. A mudança de domicilio é que caracteriza a necessidade da ajuda de custo; esta não pode ser determinada pelo numero de horas de viagem.

E nessa questão é indispensavel lembrar que o official não pôde transportar o que tem, pois completando o sistema de restrições elle tem direito apenas a 90 kilos de bagagem.

Não podemos acreditar que, meditando sobre o caso, possa alguém suppor que, depois de tantas escolas, tantas provas, tantas exigencias, o official não precise de ter alguns livros, livros compatíveis com as suas habilitações, livros que satisfaçam ás exigencias da sua cultura moral e profissional. Qual será esse official que chegou ao posto de major sem ter reunido 90 kilos de livros? Será admissivel que elle abandone essa bagagem ou pague seu transporte com os magros vencimentos?

Si os administradores pensassem em si quando deliberam, si elles se lembrassem que era admissivel a comparação entre as suas necessidades e as daquelles a quem dirigem, embora muito diferentes sejam as condições de meio e de recursos em que cada um opera, certamente tornar-se-iam mais bondosos em suas deliberações. E essa bondade seria largamente productiva para o serviço publico.

E' verdade que os altos administradores raramente terão oportunidade de sentir essas difficultades. Quando SS. Excias. são assediados com empenhos para officiaes não sahirem de tal ou tal lugar, conviria indagar os motivos, ouvir as diferentes circunstancias que concerrem a esse desejo, facil para uns, verdadeiro supplício para outros.

Antigamente o official tinha direito a bagageiro — o homem que lhe tirava as preocupações secundarias com os uniformes, o arreiaamento, o calçado, a montada, a correspondencia. O bagageiro desapareceu em nome do sorteio si bem que annualmente os corpos fiquem incados de homens que na vida civil eram tanto

mo bagageiros, ou menos. A recente revolução da passagem dá ainda a idéia de que o governo julgava conveniente substituir o bagageiro pelo criado.

Pensamos que todos os exercitos do mundo viram essas necessidades dos seus officiaes, para não lembrar outro, citaremos o caso entino.

O oficial argentino tem direito ao bagageiro pago de modo especial ou a uma quantia a criado e a roupa correspondente; o seu transporte é uma elementar consequencia, pois se pensou nas dificuldades dessa pequenina questão.

Alvez esse caso tenha ligação com o sistema equiparações. Ali ficam equiparados os officiaes que nunca sahiram a barra do Rio de Janeiro ou tomaram um trem do interior, bem como os funcionários civis immóveis, com os officiaes que mudam o domicilio de dois em dois anos e às vezes mais frequentemente.

Mais uma dificuldade se apresenta para os que desejam viver na linha recta, porque os itidiosos conseguirão duas ou tres passagens criado, assim como é sabido que com bons trinchos pôde-se obter um vagão de estrada de ferro (o que às vezes é bem justo) em vez de 90 kilos.

h! as theorias! Quantas decepções elas prometem em assumptos de tal natureza!

Comprehende-se facilmente que um bom intendente — o de reduzir despesas para atender necessidades urgentíssimas do Exercito — senta e domina certos actos como este; seria também indispensável que a mesma varinha mágica aponta, fustiga e alugenta esses direitos contestados pelas necessidades imprescindíveis tivesse também a virtude de remover essas necessidades, milagrosamente, oportunamente...

official de subsistencias

(Conclusão) (1)

Preparo dos officiaes de subsistencias na paz

A escolha dos officiaes de subsistencias para caso de mobilização apresenta dificuldades para os commandantes de tropa porque não houve ante a paz ensejo para conhecer sua aptidão nesse serviço especial.

A verdade não são as ocasiões que faltam, que elas não são procuradas ou aproveitadas; a instituição deste serviço é uma novidade e sua significação ainda não tem sido bem elucidada.

Em regra quando os commandantes quiserem aconselhar em matéria de subsistência elles dirigem ao intendente. Porque? Porque o é mais competente e mais experimentado

nesse assumpto do que o oficial combatente, e não supõem neste a necessária habilidade e esperteza em questões económicas.

Entretanto não ha razão para isso. O sentimento do dever, commun no corpo de officiaes, dá garantia de que o oficial combatente, desde que seja bem instruído e exercitado, dará completo resultado nesse assumpto. E seu preparo no serviço de subsistência da tropa é, demais, uma vantagem que lhe aproveitará quando comandar uma companhia, um esquadrão ou uma bateria, pois é inseparável da instrução da tropa o cuidado pelo seu bem estar. Quem quiser fazer do soldado um guerreiro valido no agir e no pensar, tem que cuidar de seu bem estar. O soldado só adquire plena confiança em seu oficial quando reconhece que ao par de toda a sua severidade no serviço, este sente com elle e cuida d'ele. Esta é a convicção de todos os capitães compenetrados da formidável significação de seu posto de commando, para a efficiencia do exercito. Estes acham sempre os meios e modos de resolver as dificuldades quando se trata do bem estar phisico de seus homens nos exercícios e nas manobras. Na vespresa de exercícios mais demorados elles não dirão a seus homens: «Amanhã ha um grande exercicio de campanha; cada um leve almoço!». Não; elles darão pessoalmente as providencias sobre o «como», «de onde» e «quando».

Ali está uma primeira oportunidade de exercitar o subalterno nas funções de oficial de subsistencias.

Raramente os commandantes de companhia dispõem de uma chamada «caixa baixa», à qual possam lançar mão livremente, sem prestar contas a seus superiores. Mas o commandante de batalhão tem esse recurso na «caixa da cantina» (?) E' elle quem arrenda a cantina do batalhão e a respectiva renda é por elle aplicada como bem entender.

A escripturação respectiva é afecta a um intendente ou aspirante a intendente; mas esse serviço pôde igualmente bem ser atribuído a um tenente, o qual então ficará também incumbido de pensar, propor e executar as medidas convenientes nos casos de exercícios, manobras, etc., em que seja de utilidade proporcionar à tropa algum extraordinário.

Por esse serviço administrativo tal tenente não precisa ser afastado da fileira, mas pôde-se em occasião de maiores trabalhos aliviar o seu serviço de escala.

A melhor occasião para exercicio e experimentação dos officiaes de subsistência é a das manobras. Verdade é que este período é muito curto, mas elle é variado e é o que mais se approxima da guerra. O oficial de subsistencias se familiarisa com as ordens do edicto da Divisão relativas à subsistência das tropas, elle deve saber exactamente como será resolvida a questão cada dia. Elle zela pelo direito do pessoal no caso de alimentação e alojamento fornecidos pelos moradores (acantonamento), recebe os viveres e os necessarios de bivac nos armazens de subsistencias de manobras, e determina a compra de lenha e palha para camas onde isso seja atribuído á tropa. Realizado o

(2) N. do T. — A cantina proporciona às praças a aquisição de objectos de uso e consumo pessoal, como sejam: artigos de escripta, manuais de instrução, artigos de higiene, de limpeza, refrescos, etc.

serviço elle comunica a tempo a seu comandante, no campo de manobras, onde se acham as columnas de subsistência e também deve saber onde estão os trens de estacionamento. Elle determina a prompta chamada das columnas referidas desde que a direcção das manobras o permita. Onde houver carros-cosinha, elle fiscaliza seu funcionamento.

Elle se incumbe da compra directa, a dinheiro, os viveres que devam ser fornecidos á tropa no bivac ou em marcha, com recursos especiais da unidade. Em resumo elle cogita e age em tudo que se refere á subsistência da tropa e com ella se relacione. Não se deve porem atribuir-lhe a venda das sôbras de bivac porque isso o roubaria ao serviço que a tropa delle espera. Fica fóra de duvida que o oficial de subsistências deve ser montado nas manobras, como em campanha.

Já alludimos á vantagem que ha em se utilizar officiaes de reserva para esse serviço de subsistência em caso de mobilisação.

Onde isso for previsto será recomendável juntar esses officiaes para manobras.

Resumirei as minhas indicações para o preparo dos officiaes de subsistências:

1. — Nomeação de officiaes de subsistência na faz, em cada batalhão de infantaria, regimento de cavallaria e grupo de artilharia, dando-lhes as funções de órgãos executivos dos respectivos commandantes em questões de subsistência, gerir a caixa da cantina, e fazer parte da comissão do rancho. (3)

2. — Designar officiaes de subsistência para as manobras, dotando-os de montada nas tropas a pé.

3. — Autorizar a chamada de officiaes de reserva para essa função durante as manobras, computando-se-lhes essa incorporação como de estrucção.

Trad. Cap. Klinger.

(3) N. do T. — O rancho é organizado por batalhão. O funcionamento do preparo e distribuição dos alimentos é preido pela «comissão do Rancho», constituída de um capitão, um tenente, e um ou dois graduados arranchedados.

Quarteadores Desde as nossas guerras do sul que a artilharia é estigmatizada pelas suas irmãs com o epípheto de *tramunto*.

A culpa propriamente não cabe á artilharia sim á falta de amor profissional que sempre os tem espicaçado. E esse qualificativo coube a ella, porque as outras armas já não tiveram organizados os seus trens... Nunca tiveram tracção...

Neste vasto paiz onde todos os climas se encontram, criando-se o cavallo com a facilidade com que cresce nos plainos árabes, os homens que hoje ainda se não entenderam sobre o cavallo de guerra e muito menos sobre o que se deve definir como cavallo de tracção. E a bem da verdade é preciso que se diga que nem unica a menor importancia ligaram a esse problema complexo e essencial á movimentação das aturas.

Conhecemos uma região onde da cavalladaquirida para a remonta, á artilharia era distribuído o que sobrava da escolha das outras mas... Que se arranjassem com as unhas que vesse...

Tambem só agora em alguns corpos se tem marcado seriamente o ensino do conductor,

sem a preocupação unica de transmittir-lhe o suficiente para fazer arrastar as peças ás paradas.

Os nossos caminhos, a que por euphemismo damos o nome de estradas, são outro factor concorrente ao ferrete que persegue a artilharia.

Estradas e tracção devem ser problemas conjugados, parecendo-nos que as autoridades militares deveriam ter interferencia directa no projecto daquellas; para não acontecer o que se passa aqui mesmo no Distrito Federal, onde numa boa estrada, como a Real de Santa Cruz, ha trechos que só comportam a formação da columna por peça e em que difficilmente uma viatura poderá mudar de frente.

E apesar do progresso por que tem passado as condições da tracção com cintas de rodas e com *caterpillars*, afigura-se-nos que por muito ainda haveremos de contar unicamente com os recursos proprios do meio em que temos de agir.

Difficil se tornará o augmento de uma 4.ª parelha na nossa tracção e nos ferreiros pessados onde é preciso conjugar maiores esforços, a artilharia no Rio Grande do Sul lança mão, então, de um engenhoso recurso, copiado da vida civil e convenientemente adaptado, — as *quartas*. E' um dispositivo muito usado pelas diligencias (único meio de comunicação ainda em certos lugares) que se têm de adaptar a toda sorte de dificuldades do terreno.

Romaguera em seu Vocabulário Sul-Riograndense define *quarta* como «corda que se prende nos varais ou à lança do carro, indo a outra presa ao *cinchador* de um cavalleiro, que assim ajuda a tirar o carro quando os cavallos estão um tanto cansados ou quando se quer poupar os. *Quarteador* é, então, o cavalleiro que auxilia a tracção com a *quarta*, e *quartear* é ajudar a tracção com as *quartas*.

O 3.º G. A. C. nas ultimas manobras reconheceu a utilidade dos quarteadores e então levava já convenientemente preparado o arreiamento de alguns serventes com *cinchador*, onde se liga um dos extremos de um tirante (*quaria*) que pelo outro extremo se engata no gancho da arandela que fica entre o sotroço e a roda, e vai assim agir directamente na tracção da viatura. Já se vê que melhor se presta a isso o arreiamento campeiro...

Augmentam-se, assim, com toda a facilidade mais 2 animas no esforço da tracção, com magnificos resultados, como tivemos occasião de presenciar por diversas vezes. E com certa engenhosidade esse numero poderá no mesmo sistema ser ainda maior. Demais, qualquer cavallo manso de montaria presta-se para quarteador.

Nas fortes rampas ou nos atoleiros em que as tres parelhas eram impotentes para tirar a viatura, lá vinham os quarteadores em auxilio. E' um sistema muito economico e com facilidade conseguido em qualquer localidade do sul do paiz.

Sabemos que algumas baterias montadas do Rio Grande do Sul se acham tambem aprestadas com esses meios, mas os quarteadores são, então, os chefes de viaturas e os homens do sequito do capitão.

O nosso intuito é chamar a attenção para esse recurso, que muito bons serviços pode prestar ás nossas viaturas quando em dificuldade nas estradas e caminhos.

E mal nenhum adviria de que os quarteadores se tornassem regulamentares...

que traz de novo o R. Cont. (N.2)

(Conclusão)

Guardas e escoltas de honra. — No art. 49 am incluidos como «autoridade superior» o ministro da Guerra e o Chefe do E. M. P. as formalidades com que devem ser realizadas em qualquer guarnição. Foi acrescentado que as só terão lugar quando houver aviso oficial da chegada ou da partida.

Foi incluída no mesmo art. a 1.ª proposição antigo 50, relativa á passagem de oficial de posição igual ou superior á do cdt. da guarnição; em qualquer caso este só vai cumprimentar o acompanhado de seu imediato e de um andante — em vez de ir com toda a oficialidade como estabelecia o antigo R. Cont., e o que era uma formalidade igual á estabelecida para as autoridades superiores.

Recebeu o n. 50 o artigo que trata de guarda honra, o qual na edição antiga, por descuido da revisão estava sem numero, incorporado a outro assunto. O texto não sofreu alteração. Cresceu-se uma chamada ao R. E. A.

No art. 51 (escolta de honra), 2.ª proposição, onde se dizia «em marcha não fará continencia» foi acrescentado: «quanto acompanhar a autoridades»; subentende-se — que vai contando; no final do art. foi acrescentado: «a força da escolta de honra é inseparável de commandante».

A autoridade pode dispensar a escolta de honra acompanhando enquanto passa revista a uma pa em parada».

Salvas de artilharia. — Art. 55, em vez de horas e 18 horas estabelece-se: nascer do e pôr do sol.

No art. 56 foi suprimida a ultima proposição, que o mesmo continha na 1.ª edição, por referir a funeraes, o que faz objecto de outro tópico.

Honras fúnebres. — No art. 60 foi acrescentado que a musica, os corneteiros e tambores fazem parte na continencia ao falecido, após as descargas. Explica-se que as armas, para a carga, são apontadas ao solo, a dois passos da primeira fileira.

Foi suprimida a descarga por batalhão: quando houver mais de uma companhia em fila, a continencia será feita sucessivamente no nas paradas e as descargas serão dadas alternadamente por uma companhia, previamente designada, a qual ficará á direita da linha».

Foi suprimida a disposição que mandava tocar a musica nos intervalos das descargas: é só as descargas, durante a continencia.

No art. 66 ha tres novas proposições: 1.ª a artilharia que tiver de dar salva em honra fúnebre não dá outro força mesmo que não houver na guarnição tropa de outra arma; 2.ª a artilharia só presta honra fúnebre em fortuna a pé a officiaes ou praças do corpo, no caso de não haver em guarnição tropa de outra arma; 3.ª a cavallaria, a não ser a officiaes ou praças do corpo, só dá honra fúnebre si não houver na guarnição infantaria engenharia.

No art. 69, a disposição categorica de negar honra fúnebre aos suicidas, fruto de um conceito religioso, inconstitucional, foi abran-

dada, sem prejuizo da ethica militar; não serão prestadas honras fúnebres aos suicidas «quando a autoridade a quem compete ordenal-a não tenha podido colher provas de que não houve motivo infame no suicídio».

Os depositos de remonta

Ao ler hoje um dos jornaes cá da terra deparei com a noticia da venda recente de cincuenta cavallos á Coutelaria e F. N. de Saycan, por intermedio de um corrector d'esta cidade.

Só mesmo quem por aqui vive pode fazer uma ideia do que sejam tais cavallos a julgar por outros, na sua quasi totalidade velhos ou estropiados, mancos ou lunancos e com defeitos de organisacion e aprumo, que esse e outros correctores não tentado impingir aos corpos aquartelados nesta cidade.

As necessidades patentes e indiscutiveis dos corpos de tropa montados vêm deprecando insistente e com vehemencia a criação dos *Depositos de remonta*. Essa criação impõe-se como unica medida viavel si quizermos ver o Exercito dotado de um *serviço de remonta* e mesmo de uma *remonta* dignos de tais títulos.

E' muito maior do que por ahi se julga, a difficultade com que luctam os corpos estacionados n'este Estado (e bem maior ainda será em outras regiões, naturalmente) para conseguir dentro do limite maximo (140\$) da quantia fixada para a aquisição de cavallos necessarios á sua remonta, animaes que satisfaçam *in-partibus*, já não digo *in-totum*, as justas exigencias do Reg. para o serviço de remonta, de 1909. Si com tal difficultade, porém, não tem deparado a C. de Saycan, é porque na mais das vezes a compra não é precedida de um simples exame e o resultado d'isso é vermos chegar aos corpos de tropa, por occasião da remonta, verdadeiros *ratos*, que de cavallos só têm o aspecto; legitimos pelungos, de altura muito aquem da estabelecida pelo regulamento, velhos, defeituosos ou imprescindiveis.

E não é apenas com o Saycan que isso vem sucedendo. Ainda ao expirar o anno de 1918, veiu a este Estado um Tenente do 14º R. C., então estacionado em Tres Corações, effectuar a compra de cavallos para a remonta de seu regimento. Indubitablemente esse official não pôde dar cabal desempenho a tal commissão

mento e isso explica-se, pois não dispunha de um profissional para o exame a que se refere o art. 16 do Reg. acima referido, exame que não pode conscientemente ser feito por um leigo na matéria, e, além disso, não lhe era facultado lançar mão do recurso de redhibição no caso do animal apresentar, dentro dos quinze primeiros dias da compra, qualquer dos defeitos apontados nos dois primeiros paragraphos do mesmo artigo, visto que viajando continua e ininterruptamente sempre e cada vez mais se distanciava do local em que ocorreria a transacção.

Bagé, Janeiro de 1920.

(Continua)

Tenente Argentino Solgado.

TRABALHOS INÉDITOS

DO

1º Tenente CARLOS DE ANDRADE NEVES

Artilharia — Materiaes em serviço (*)

2.º GRUPO

Materiaes que constituem a Artilharia Pesada

São os materiaes de calibres considerados a partir de 95 mm., que dispõem ou não de meios de transporte próprios, podendo igualmente fazer parte ou não da dotação normal das grandes unidades.

Da mobilidade que possuem e da sua distribuição às grandes unidades, resulta a seguinte

Classificação

- a) Materiaes que constituem a artilharia pesada de campanha (A. P. C.);
- b) Materiaes que constituem a artilharia pesada de posição (A. P. P.);
- c) Materiaes que constituem a reserva geral da artilharia pesada (R. G. A. P.).

a) Materiaes que constituem a A. P. C.

São os materiaes constituídos por baterias em condições de assegurar os seus deslocamentos por seus próprios recursos (tracção animal ou automóvel) e que normalmente fazem parte integrante das grandes unidades (Divisões e Corpos de Exército).

Calibres empregados

95 mm., 100 mm., 105 mm., 120 mm., 14 cm., 145 mm., 155 mm., 220 mm., 270 mm. e 280 mm.

b) Materiaes que constituem a A. P. P.

São os materiaes constituídos por baterias diversas, das quais algumas análogas às precedentemente classificadas, mas que não são providas de meios próprios de transporte.

A artilharia pesada de posição comprehende em particular a Artilharia pesada de grande potência: A. P. G. P.

Calibres empregados:

19 cm., 200 mm., 24 cm., 270 mm., 271, 293, 305, 320, 340, 370, 400 e 520.

c) Materiaes que constituem a R. G. A. P.

São todos os materiaes de grande calibre, que não entram na composição normal das grandes unidades.

Estes materiaes comprehendem:

I Baterias de tractores.

II Baterias de grande potência, empregando normalmente como meio de transporte as vias ferreas normaes ou de 0m.60: A. P. V. F.

III Baterias de peças de marinha servidas por artilheiros marinheiros.

Canhão de 105 L, modelo 1913

Apesar de ser um canhão longo e de grande alcance, é de tiro rápido.

Canhão. — É de aço, raiado á direita, tendo as raias passo constante.

Comprimento da parte raiada — 22 cal., 1.

A culatra de parafuso, sistema Schneider, é de manejo rápido, obtido pelo movimento contínuo de uma só alavanca.

O parafuso-culatra possue 4 sectores, dos quais dois lisos e dois filetados.

A culatra dispõe de diversos dispositivos de segurança contra a abertura involuntaria da mesma, contra as detonações prematuras e contra as inflamações retardadas da carga de projecção.

Reparo. — Permite um longo recuo do tubo. A immobilisação é assegurada por uma pá de conteira. Não possue calcamento.

O tubo está ligado a um «trenó», que encerra os cilindros do freio hidráulico e do recuperador hidropneumático e os reservatórios do recuperador; o conjunto recua sobre o «berço» ou «chassis», supportado pelo reparo propriamente dito.

O canhão dispõe de um escudo de 4 mm de espessura, o qual acompanha o reparo no deslizamento.

Pontaria. — A pontaria em direcção é realizada por deslizamento sobre o eixo, no qual existe uma porca para esse fim.

Campo: 6º (105 millesimos).

A pontaria em altura é realizada por meio de arcos dentados, existentes no berço. O canhão não possue alça independente.

Campo: de -5 a +37º.

Apparehos de pontaria. — Collimador ou luneta panorâmica.

Nível de tiro com tambor de alça e botão de comando de sítio.

A luneta é graduada em «millesimos Rimalho» (6.000 por circunferencia), no sentido inverso do movimento dos ponteiros de um relógio.

Existe um nível transversal destinado a corrigir a influencia da inclinação do eixo das rodas.

Munição. — Estojo de latão separado do projéctil (1 só carga).

Atira: Shrapnell de carga á retaguarda, peso sando 16kg.900; granada de aço, mod. 1914 (tracção D), peso cerca de 16 kilos e contendo 2 kilos de explosivo.

Velocidade maxima de tiro (excepcionalmente utilizada) 6 a 8 tiros por minuto.

Mobilidade. — Peso do canhão em bateria: 2.300 kilos.

Peso da viatura canhão: 2.650 kilos.

Transporte. — O canhão possui uma posição de tiro e uma posição de marcha; nesta, tubo e o trenó são recuados em toda a extensão sobre o berço.

Tracção animal por 6 cavalos fortes.

Dados balísticos. — Alcance máximo: 12.500 m com $V_0 = 555$ m (Sh.).

Outras informações. — Duração da entrada em bateria: 15 minutos.

Na organização dos Corpos de Exército, existem actualmente 3 grupos de artilharia pesada longa, dos quais 2 são de 105, mod. 1913, (outro de 155 L Schneider); o canhão de 105 é substituído o 120 L.

Este canhão (105) também foi adoptado ao contra aviões.

O serviço da peça é executado por 8 serventes.

Canhão de 155 C, mod. 1915, Schneider.

Destina-se ao tiro tenso e ao tiro mergulhante.

Canhão. — É de aço, raiado progressivamente à direita; inclinação final das raias: 7°.

Número de raias: 48.

Culatra de parafuso Schneider, análoga à do 105, mas não dispõe do orgão de segurança contra as inflamações retardadas, desnecessário, visto não ser um canhão de tiro rápido.

Nota. — Este orgão que existiu a princípio, estava de um parafuso de segurança, funcionando por inércia; foi depois suprimido, encontrando-se ainda em algumas culatras o seu equipamento.

Reparo. — É análogo ao do 105.

Pontaria. — A pontaria em direcção é realizada por deslizamento sobre o eixo; campo: 6°. A pontaria em altura, como no 105, mas apondendo de um campo de 0° a + 42°.

Apparelhos de pontaria análogos ao do 105. Luneta panorâmica, porém, é graduada no mesmo sentido do movimento dos ponteiros de um relógio, em 6.400 millesimos, divididos em sectores de 3.200 millesimos cada um.

Munição. — Estojo metálico, separado do projétil (6 cargas).

Atira: Granada de balins, mod. 1887, de peso médio de 10kg,800, encerrando 416 balins, com uma carga de arrebentamento de 0kg,550 de polvora negra;

Shrapnell, mod. 1879, de peso médio de 1kg,590, encerrando 270 balins, com uma carga de arrebentamento de 0kg,450 de polvora negra; Granada alongada de aço, de peso médio de 3 kilos, encerrando cerca de 10kg,200 de explosivo;

Granada, mod. 1915, de fonte aceirada, de peso médio de 43kg,750, encerrando cerca de 5,500 de explosivo.

Mobilidade. — Peso em bateria: 3.220 kilos. Peso da viatura canhão: 3.700 kilos.

Transporte. — Em 1 só viatura. Tracção por cavalos fortes.

Dados balísticos. — Alcance máximo: 11.900 m com $V_0 = 450$ m, (Gr. de F. A., mod. 1915).

Outras informações. — A entrada em bateria realiza-se em 20 minutos.

Velocidade de tiro máximo (excepcionalmente ilisado) 3 por minuto.

Diametro da alma entre duas raias: 157 mm. Comprimento total da boca de fogo: 2332 mm.

Peso da massa recuante: 1.565 kilos.

Recuo máximo permitido: 1.360 mm.

Altura da linha de fogo: 1.453 mm.

Altura da linha de mira: 1.620 mm.

Pressão normal no recuperador: 31 kg.

O serviço da peça é executado por 8 serventes.

Existe na organização actual, 1 grupo de 155 C Schneider, mod. 1915 ou 1917, por Divisão de Infantaria.

Canhão de 120 L, mod. 1877

É um canhão destinado em princípio ao tiro tenso e ao tiro mergulhante.

Constitui um material muito resistente e muito preciso, fornecendo em tiro de tempo a grande distância (8.000 a 10.000 metros) uma boa eficiência contra o pessoal.

Apezar destas qualidades, porém, está sendo substituído, assim como os demais canhões longos de 120, pelo canhão de 105, mod. 1913.

Canhão de 120 L, mod. 1878

Dados balísticos. — Alcance máximo: 12.100 metros, com $V_0 = 613$ metros.

Munição. — Cartuchos (6 cargas).

Atira: Lanternetas com 300 balins; Granadas de balins, pesando 19kg,200 e contendo 280 balins de 20 gr., e 9 blocos de fonte, fornecendo 135 fragmentos;

Shrapnell, mod. 188 — 1915, pesando 18 kg. e contendo 214 balins;

Granadas de um peso médio de 20 kg. de fonte aceirada (traçado D), com 2 kg. de explosivo;

aco alongada, mod. 1914, com 4 kg,300 de explosivo.

Mobilidade. — Peso em bateria: 3.500 kg.

Transporte. — Para o transporte é provido de um armão, que pesa 500 kilos. Tracção animal (12 cavalos) ou automóvel.

Velocidade de tiro. — 1 por minuto.

Canhão de 120 C, mod. 1890

É destinado ao tiro mergulhante.

Dados balísticos. — Alcance máximo: 5.700 m, com $V_0 = 284$ m.

Munição. — Cartuchos (8 cargas).

Atira: Shrapnell de carga à retaguarda, pesando 20kg,350 e contendo 635 balins de 12 gr., Granada de balins igual à do 120 L.

Granada de aço alongada igual à do 120 L.

Mobilidade. — Peso em bateria: 1.475 kg.

Transporte. — Utiliza um armão de campanha; peso total: 2.355 kg.

Tracção animal ou automóvel.

Velocidade de tiro. — 2 por minuto.

Canhão de 120 C, Schneider

Realiza o tiro tenso e o tiro mergulhante. É organizado segundo os mesmos princípios do 105 L, mod. 1913.

Dados balísticos. — Alcance máximo: 8.100 metros, com $V_0 = 350$ m.

Munição. — Estojo metálico, separado do projétil (6 cargas).

Atira: Granadas, pesando cerca de 20 kilos, de fonte aceirada, mod. 1915, contendo 4kg,100 de explosivo;

aco, mod. 1915 (traçado D), contendo 4kg,100 de explosivo.

Canhão de 155 C, Schnell, mod. 1917

Este canhão, além de outras pequenas diferenças com o modelo 1915, possue uma de grande importância:

Não atirando com estojos metálicos, a culatra do mod. 1917, comporta como sistema de obturação, um obturador plástico Schneider.

Velocidade de tiro. — 2 por minuto.

Munição e outros dados iguais aos do mod. 1915.

Nota sobre a tracção. — A tracção automóvel é geralmente aplicada às viaturas pesando mais de 3.000 kilos. Para as viaturas deste peso e inferiores, empregue-se de preferência a tracção animal (de 6 a 12 cavalos), salvo no caso de ser necessário realizar deslocamentos rápidos e distâncias consideráveis, nos quais se recorre à tracção automóvel.

E' este o critério actualmente adoptado na artilharia francesa.

3.º GRUPO

Materiais que constituem as artilharias destinadas a missões especiais.

Estes materiais comprehendem:

- a) Artilharia de trincheira;
- b) Artilharia anti-aérea;
- c) Artilharia de assalto;
- d) Artilharia de acompanhamento;

a) Artilharia de trincheira:

E' constituída por materiais de modelos variados e de mobilidades muito diferentes, atirando a pequenos alcances projectis de grande capacidade de explosivo.

Os materiais existentes dividem-se em 2 grupos:

Morteiros leves e morteiros pesados.

Calibres empregados

58 mm, 75 mm, 150 mm (considerados leves); 240 mm e 340 mm (pesados).

Modelos existentes

Morteiro de 58, n.º 1 bis;

Morteiro de 58, n.º 2; (Tendente a se tornar regulamentar);

Morteiro Van Deuren;

Morteiro de 75, mod. 1915, Schneider;

Morteiro de 150 T; (Tendente a se tornar regulamentar);

Morteiro de 240 C T;

Morteiro de 240 L T; (Tendente a se tornar regulamentar);

Morteiro de 340 T.

Notícias sobre o material citado

Morteiro de 58, n.º 1 bis

E' um morteiro liso de carregamento pela boca.

Realisa o alcance máximo de 450 m, com $V_0 = 67$ m, atirando uma bomba provida de azelhas, pesando 16 kilos, de fonte ou de aço, com 4 ou 6 kilos de explosivo.

A pontaria em direcção é feita por meio de um fio a prumo; em altura por meio de um nível.

Mobilidade. — Peso em bateria: 181 kilos.

Transporte. — Nas proximidades da linha de fogo, a braços, por 8 homens, quer desmon-

tado, quer sobre uma viatura especial, puxada pelos serventes; para os grandes deslocamentos, utilizam-se pequenos carros de parque.

A entrada em bateria é rápida, sem preparo prévio do terreno.

Velocidade de tiro — 3 tiros em 4 minutos.

Morteiro de 58, n.º 2

E' mais pesado e mais potente que o anterior. Alma lisa; carregamento pela boca. Realiza o alcance máximo de 1.050 m, com $V_0 = 102$ m, atirando uma bomba de 18 kilos, contendo 5kg,350 de explosivo.

Carga de projecção em cartuchos.

Atira também a bomba de 16 kilos do n.º 1 bis e mais as seguintes:

Bomba de aço de 40 kilos, contendo 10kg,500 de explosivo;

Bomba de aço de 35 kilos, contendo 10 kilos de explosivo;

Bomba de aço de 45 kilos, contendo 23 kilos de explosivo (não mais fabricada).

Acham-se em estudo as bombas:

F, de fonte, de 10 kilos, contendo 2 kilos de explosivo e devendo realizar um alcance mínimo de 1.600 metros, e G, de aço, de 14 kilos, contendo 4 kilos de explosivo e devendo realizar o alcance máximo de 1.400 metros.

Mobilidade — Peso em bateria: 417 kilos.

Transporte — Analogo ao precedente, mas por 16 serventes.

Entrada em bateria rápida, sem preparo prévio do terreno.

Velocidade de tiro: 1 em 3 minutos.

Morteiro Van Deuren

E' um morteiro belga, destinado a substituir o n.º 1 bis.

As variações de alcance são obtidas com uma inclinação constante de 45º, fazendo-se variar a capacidade da camara.

E' de manejio rápido e faz um tiro preciso.

Realiza o alcance máximo de 700 metros, com $V_0 = 78$ m. Atira uma bomba de azelhas de 19kg,500, contendo 6 kg. de explosivo.

Mobilidade — Peso em bateria: 350 kg.

Transporte. — Sobre um carro de parque, puxado pelos serventes (6).

Velocidade de tiro. — 3 a 4 por minuto.

Particularidade interessante. — Este morteiro não possue tubo alma; o tubo é substituído por um eixo cilíndrico.

O projectil é dotado de um appendice, no qual existe uma cavidade também cilíndrica, a qual é collocada sobre o eixo, envolvendo-o e fazendo as vezes de tubo.

Morteiro de 75, mod. 1915, Schneider

E' raiado e de carregamento pela culatra. Número de raias: 12. A culatra é de cunha. Pode fazer o tiro vertical e o tiro tenso.

Realiza o alcance máximo de 1.700 m, com $V_0 = 130$ m, atirando a granada de 75 de campanha, mod. 1900.

Mobilidade — Peso em bateria: 355 kilos.

Transporte. — Normalmente sobre rodas, puxado por 5 homens ou, desmontado, transportado por 14 homens.

Entrada em bateria, no 1.º caso, muito rápida.

Velocidade de tiro. — 4 por minuto.

Morteiro de 150 T

Faz o tiro vertical e o tiro tenso. Alma lisa. Carregamento do projectil, pela boca; do ojo pela culatra. Realisa o alcance maximo de 1.900 m, com $V_0 = 145$ m.

Atira uma bomba de azelhas de 18kg,500, com g.300 de explosivo.

Mobilidade. — Peso em bateria: 600 kilos.

Transporte. — Sobre rodas, puxado por 6 ou

homens, ou, de preferencia, por 1 cavallo.

Velocidade de tiro. 3 por minuto.

Morteiro de 240 C T

E' de alma lisa e de carregamento pela boca, projectil entrando todo inteiro no tubo.

Realisa o alcance maximo de 1.400 metros, com $V_0 = 102$ m.

Atira uma bomba (T) de 83 kilos, contendo kg.100 de explosivo.

Mobilidade. — Peso em bateria: 1.692 kilos.

Transporte. — Desmontado, em 3 viaturas especias (morteiro, reparo e plataforma).

Entrada em bateria, bastante demorada.

Velocidade de tiro. — 1 em 6 minutos.

Nota. — Nos morteiros de carregamento pela boca, o corpo da bomba não penetra no tubo, na exterior, assim como as azelhas. Na alma, apenas introduzida uma haste, de que são unidos estes projectis.

Morteiro de 240 L T

E' de alma lisa. Carregamento, como no 150. Realisa o alcance maximo de 2.150 metros, com $V_0 = 145$ m.

Atira a bomba T do precedente.

Mobilidade. — Peso em bateria: 3.500 kilos.

Transporte. — Desmontado, em 3 viaturas especias (morteiro, reparo, plataforma), puxada cada uma por 1 cavallo.

Velocidade de tiro. — 1 em 6 minutos.

Morteiro de 340 T

Constitue o material de trincheira de maior tenacidade.

Exige para a sua installação a construção de um embasamento de beton e para o reabastecimento em munição, uma via ferrea de 0m,60. analogo ao 240.

Realisa o alcance maximo de 2.300 m, com $V_0 = 150$ m.

Atira uma bomba de azelhas (de aço) pesando 195 kilos e contendo 93 kilos de explosivo.

Mobilidade. Peso em bateria: 2.510 kg.

Transporte. — Desmontado, em 3 viaturas, enfiadas cada uma em um armão do 90 de mpanha e puxada por 4 cavallos.

Entrada em bateria. — A construção do socco dura 4 semanas.

Velocidade de tiro. — 1 em 6 minutos.

Nota. — A installação completa de uma bateria de trincheira, durante a guerra de posição, quer, conforme o calibre, de 15 dias a 1 mez. Existe uma bateria de A. T. por corpo de exercito.

As divisões não a possuem. A artilharia de trincheira depende (excepção feita da bateria

citada) da Reserva Geral da Art. e constitue um «material de sector», na guerra de posição. Os regimentos são a 8 grupos de 4 baterias cada um.

b) Artilharia anti-aerea:

Para combater os objectivos aereos têm sido empregados canhões dotados de uma grande mobilidade, ou canhões montados em postos fixos. Em qualquer dos casos, só se empregam canhões de tiro rapido.

Calibres empregados

75 mm e 105 mm.

Modelos existentes

Canhão de 75, mod. 1897, sobre automovel (auto-canhões).

Canhão de 75, mod. 1897, sobre plataforma, mod. 1911.

Canhão de 75, mod. 1897, sobre plataforma, mod. 1915.

Canhão de 75, Deport, mod. 1912.

Canhão de 105 L, mod. 1913.

Com excepção do primeiro, os demais têm sido empregados em postos fixos.

O freio do 75 foi modificado para permitir o tiro sob grandes angulos, visto o freio não modificado não resistir aos tiros sob angulos superiores a 20°.

Sobre automovel o canhão de 75 dispõe de um campo vertical de 0° a + 70°, e de um campo horizontal de 240°.

Sobre a plataforma circular (mod. 1911) o campo horizontal é elevado a 360°.

Sobre a plataforma metallica (mod. 1915) dispõe igualmente de um campo horizontal de 360°, e de um campo vertical de + 12° a + 85°.

O freio e o reparo do canhão de 105 foram igualmente modificados em consequencia.

O canhão Deport possue normalmente um campo horizontal de 54°, e um campo vertical de 70°.

c) Artilharia de assalto:

Este material é composto de carros de assalto (tanks), cujo armamento varia conforme o modelo.

Quanto ao armamento, existem 3 tipos:

Os tanks de metralhadoras (pequenos);

Os tanks de metralhadoras e outros engenhos;

Os tanks de artilharia.

Estes dispõem como material de artilharia, um canhão de 75, mod. 1897.

Existem os seguintes modelos:

Carro, mod. Schneider, bastante lento, com meios de accão completos, mas limitados.

Carro mod. St. Chamond, mais pesado ainda e mais lento que o precedente, mas possuindo uma capacidade offensiva maior.

Carro, mod. Renault, menor que os anteriores, porém mais rapido, menos vulneravel e possuindo qualidades de progressão superiores em terreno variado.

Os tanks de artilharia possuem tambem metralhadoras.

A unidade de emprego da artilharia de assalto é o «grupamento», constituído por um numero variavel de grupos e por 1 secção de reparação e de reabastecimento.

O grupo compõe-se de 3 baterias.

A bateria consta de 4 carros de assalto.

d) Artilharia de acompanhamento:

Diversos têm sido os materiais empregados no acompanhamento da infantaria, sem que tenham dado grandes resultados; entre eles acha-se o morteiro de 75, mod. Schneider, citado no material de artilharia de trincheira, com o qual se têm colhido resultados regulares.

Existem mais os morteiros Archer, Darne e Simon, todos de alma lisa e de 75 mm de calibre, todos mais ou menos abandonados hoje.

Como artilharia de acompanhamento são actualmente empregados dois modelos:

O morteiro inglez Stokes, empregado na defensiva e o morteiro Jouhandeau-Deslandres, empregado na ofensiva.

O morteiro Jouhandeau-Deslandres realiza o alcance maximo de 1.500 m e atira uma granada de 4 kilos.

E' transportado sobre rodas, puxado por 2 homens. Peso: 160 kilos.

Velocidade de tiro — 10 por minuto.

Existem 4 por batalhão.

O morteiro Stokes atira uma bomba de 10 kilos e realiza uma velocidade de tiro muito maior.

O problema da artilharia de acompanhamento ainda não está resolvido.

Um canhão de acompanhamento acha-se em estudos, devendo possuir os seguintes caracteristicas: alcance maximo, 2.400 m; velocidade de tiro, 15 por minuto; peso, 270 kilos.

A Sub-comissão de Artilharia não estudou os canhões de 37 e de 47 mm, por se acharem os mesmos, no exercito francez, a cargo da infantaria.

O canhão de 37, conjuntamente com o de 75, mod. 1897, é tambem empregado como artilharia contra tanks.

Observação geral. — Todas as informações e dados apresentados nos capítulos precedentes, relativos aos materiais em serviço actualmente, na artilharia franceza, foram colhidos pela Sub-comissão de Artilharia em documentos e outras fontes officiaes.

Paris, 30 de Agosto de 1918.

Subsídio a R. E. E.**Instrução de sapadores****Classificação das terras**

1. — Não oferecendo todos os terrenos a mesma consistencia surge a necessidade de classificá-los, para se poder fazer uma conveniente distribuição de ferramenta.

2. — As terras se classificam em:

a) — **fracas** ou a **um homem**, quando podem ser revolvidas e removidas só com a pá, sem recorrer auxílio do alvião;

b) — **médias** ou a **homem e meio**, quando duas pá removem em um determinado tempo o que um alvião cavou em tempo igual;

c) — **fortes** ou a **dois homens**, quando basta uma pá para remover o que um alvião revolveu em tempo igual;

d) — **muito fortes** ou a **tres homens**, quando uma pá remove o que dois alviões cavaram em tempo igual.

3. — Assim o critério seguido na classificação consiste em sommar a uma pá a fraccão ou

numero de alviões precisos para revolver o terreno que em tempo igual ao da escavação, a mesma pá remove.

4. — Praticamente se determina a natureza de uma terra, mandando um homem, bom manejador de alvião, cavar durante determinado numero (a) de minutos o terreno e contando o tempo; (b) tambem de minutos que um páleador gasta para remover a terra revolvida.

Esses numeros são então substituídos na formula

$$n = \left(1 + \frac{a}{b} \right)$$

indicando **n** o numero de homens que caracteriza a terra. Exemplo: um alvião escavou o terreno durante 10 minutos, uma pá gastou 20 minutos para remover a terra, esta será terra a

$$n = \left(1 + \frac{10}{20} \right) =$$

1,5 homens ou terra média; si a pá gastou os mesmos 10 minutos para remover a terra, esta terra é terra a

$$n = \left(1 + \frac{10}{10} \right) =$$

2 homens ou terra forte, assim por diante.

5. — A prática ensina que um bom páleador lança a terra horizontalmente até á distancia de 4 metros, verticalmente até á altura de 2 metros.

Além destes limites precisa-se estabelecer uma cadeia de páleadores, que distarão uns dos outros 4 m quando a remoção é horizontal, 2 m quando em altura.

6. — Quanto ao rendimento do trabalho é calculado, admittindo-se que, com ferramenta grossa, um homem escava em uma hora, em média, trabalhando pouco tempo:

1m³,000 em terras fracas;

0,750 em terra forte; si o trabalho se prolongar além de 4 horas, aqueles numeros serão substituídos pelos seguintes:

0m³,700 em terras fracas;

0m³,450 em terras médias;

0m³,200 em terras fortes.

Empregando-se exclusivamente a ferramenta portátil da infantaria, aqueles numeros devem ser reduzidos á metade.

Distribuição da ferramenta

1. — As viaturas ou cargueiros, que conduzem a ferramenta são levados, si os caminhos o permitem e não havendo perigo de serem vistos pelo inimigo, o mais proximo possível da obra, ou a um local desenfiado ás suas vistas em caso contrario.

2. — A ferramenta é então destarregada, formando-se uma pilha de alviões e outra de páis, ficando as mesmas afastadas uma da outra dous passos. Si preciso, será tambem descarregada, collocando-se ao lado das pilhas já formadas, ferramenta de outra especie: facções, alavancas, machados, serras, etc.

3. — O comandante da fraccão que tiver de receber a ferramenta destacará para o local onde a mesma se achar empilhada, um sargento e duas praças, geralmente o sargento menos graduado ou mais moderno e a fila esquerda da unidade,

homens estes que se incumbirão de distribuir a ferramenta. Cada praça se postará ao lado de uma pilha, dirigindo o sargento o serviço.

4.—A proporção da ferramenta a distribuir será indicada ao sargento pelo commandante da força. Assim si este diz: Terra a 2 homens! — o inferior fará distribuir um alvião ao primeiro homem, uma pá ao segundo, outro alvião ao terceiro, outra pá ao quarto e assim por diante. Si a indicação fôr — Terra a homem e meio — o inferior distribuirá um alvião ao primeiro homem, uma pá ao segundo, outra pá ao terceiro, outro alvião ao quarto e assim por diante. A distribuição principiará sempre pelos alviões, excepto quando se tratar de terra fraca, caso em que só se distribuirão páis.

5.—A força que vai receber a ferramenta, é conduzida até proximamente uns dez passos das pilhas de ferramenta, formada em columna por dous. A essa distancia e sem interromper a marcha, o cabo ordenará:

Por um da direita!

A esta voz os cerra-filas continuam a marchar, entrando cada chefe de fila á retaguarda de seu cerra-fila, formando assim a columna por um. A tropa é então conduzida a passar entre as pilhas de ferramenta, recebendo cada homem a que lhe competir.

Logo que todos os homens de uma esquadra hajam recebido ferramenta, o cabo ordenará:

Columna por dois!

A esta ordem cada chefe de fila irá formar á esquerda de seu cerra-filha, formando-se assim a columna por dois.

6.—Convindo sempre para regularidade das tarefas que a distribuição da ferramenta principie pelo flanco direito, a formação por dous será tomada por — Direita volver! ou — Por dous da direita-marche!

7.—Aos graduados, commandantes das esquadras, se distribuirão, de ordinario, páis rectas ou enxadas, por lhes competir, além da direcção de sua esquadra, e consequente fiscalisação das dimensões da obra, que se executa, a feitura regular dos taludes. Para este fim servir-se-á da pá recta; a enxada será empregada para puxar para longe as terras que os homens, por estarem no interior da trincheira, depositam proximo aos seus taludes.

8.—Distribuída a ferramenta, a força irá formar, no local e formação previamente designados, ou será imediatamente conduzida, na formação em que se achar ou na que fôr determinada para o local do entrincheiramento a construir.

9.—Estando a força armada, antes de receber a ferramenta, olocará a arma em bandoleira, para o que se farão os commandos necessarios.

10.—As esquadras de sapadores serão constituídas por 3 filas, tendo para commandante um graduado. Essa dotação é necessaria para a regular distribuição da ferramenta e consequente distribuição das tarefas.

1º Tenente Arthur J. Pamphiro.

O não recebimento da revista é geralmente culpa do assignante, porque ella não se faz só para ser distribuida.

Não demorar a comunicação de mudança de destino, nem retardar reclamação.

1º Tenente Carlos de Andrade Neves

Depois de uma vida collegial que chamou atenção para o seu nome, Carlos de Andrade Neves resolveu seguir a carreira das armas.

Sua matrícula na Escola de Guerra conquistou-a elle mesmo através das provas de capacidade que lhe deram as vantagens de commandante-alumno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, o que vale dizer — 1º lugar de sua turma.

Na Escola de Guerra facil lhe foi manter o conceito que conquistara; sempre alumno distinto, sempre bondoso camarada, disposto a transmitir o que sua treinada intelligencia assimilara mais facilmente.



1º Tenente Carlos de Andrade Neves

Promovido a aspirante, não se deixou dominar pelo brilho do anel de engenheiro e firmou seu pendor de soldado, escolhendo a artilharia para continuar seus estudos.

Pouco depois de sahir da Escola de Artilharia e Engenharia publicou o seu trabalho «Artilharia de Campanha — Idéas Geraes» — livro que reflectia os seus estudos e o espírito academicista com que o organizara.

Iniciado na vida de regimento, Carlos de Andrade Neves aumentou o seu destaque.

Correctissimo no cumprimento dos seus deveres ao ponto de tornar-se um exemplo, disciplinado, trabalhador, bondoso, emergia dentre seus camaradas, envolto na sua extremada modestia.

Descou ser aviador e o foi, persistindo em um treinamento difícil e arriscado pelas condições ainda rudimentares em que no Brasil se iniciou essa aprendizagem. Ahi foi vítima de um desastre do qual sahiu gravemente ferido no rosto.

Antes de partir para a Europa serviu no 1º Regimento de Artilharia Montada e ahi publicou, em collaboração com o Capitão Plutarcho Caiuby, o «Guia para o instructor de apontadores».

Foi assim, nessa vida de trabalho constante

e de constante dedicação ao Exército e especialmente à sua arma, que o 1.º Tenente Carlos de Andrade Neves se impôz aos seus chefes e camaradas e, quando partiu para a Europa, contando apenas 26 anos de idade, já era um oficial de reconhecido valor, capaz de aproveitar, com vantagem, as lições da guerra.

Si essas foram as intenções do governo, escondendo o jovem oficial para aperfeiçoar seus conhecimentos, outra não foi a interpretação que ele sempre deu aos seus deveres, procurando todos os meios de adquirir uma solida experiência que lhe permitisse — como oportunamente permitiu — transformar em uma ação profissional segura, todo o seu amor pelo Brasil.

A quantidade de notas e traduções que o tenente Andrade Neves escreveu durante o curto tempo de sua vida em França, revelam que ele não perdia um só momento em cogitações que o alheiassem dos seus labores profissionais.

As suas notas do tempo em que esteve no Front, repositório de saudade e patriotismo, traduzem os seus delicados sentimentos, e, o pequeno testamento que fez ao deparar com as probabilidades da morte, demonstra o seu carinho para com o Exército e a preocupação que mantinha pelo seu aperfeiçoamento.

Nas suas notas reportava-se constantemente ao céo. Era o céo, quando se apresentava limpidão e marchetado de estrallas, o que ele encontrava de mais semelhante na rememoração da sua pátria e elle assim o exprimiu:

«São 3 horas da madrugada, a bateria se prepara para abandonar a posição, o céo azul profundo e repleto de estrelas, faz-me lembrar o querido Brasil».

Em 7 de Setembro de 1918 escreveu «A hora em que as nossas forças deviam estar desfilando no campo de S. Christovão, eu gravava no tronco de uma grande árvore da floresta de Corcy, o meu nome, a grande data brasileira e o nome da minha cara pátria. Os estampidos monotonos ouviam-se desde a vespere; de repente ouço um ruído mais forte, sinto alguns pedaços de galhos secos e torrões de terra cahirem sobre mim. Era uma granada alemã que havia arrebatado a cerca de 50 metros; nesse momento eu acabava de gravar a palavra Brasil... e era 7 de Setembro».

No dia 18 de Setembro escreveu: «Choveu durante a noite, mas o céo amanheceu azul como o brasileiro, o sol brilhou e a temperatura tornou-se amena. Os clarins pela primeira vez marcham tocando estridentes e alegres e o regimento passa o glorioso Marne, o mais feliz dos rios franceses, onde por duas vezes foi quebrado o esforço gigantesco dos alemães».

No seu testamento teve a delicadeza de pedir que dividissem os seus livros entre as bibliotecas do 1.º e 4.º Regimento em que servira e, ainda mais, recomendou que destinasse 200\$ a cada um dos apontadores que tivesse o primeiro lugar no concurso normal daquelles regimentos.

Estas disposições escritas em situação difícil, tão longe dos regimentos que amava, quando uma multidão de outras idéas podiam assaltar o seu espírito, revela bem os sentimentos do jovem oficial a que temos procurado fazer justiça, divulgando o seu procedimento correcto e exemplar.

Vem daí o convite que distribuímos para trasladação dos seus despojos mortais, repatriados pelo «Avaré»:

«A revista militar «A Defesa Nacional», devidamente autorizada, convida... para se associar às homenagens que serão prestadas ao indôso camarada 1.º tenente Carlos de Andrade Neves» após a chegada dos seus despojos mortais pelo «Avaré», homenagens que elle bem recebeu como exemplo que foi sua vida militar de como pôde ser útil ao seu paiz o oficial, mesmo jovem, sempre dedicado à profissão, no serviço e fora dell, sempre fiel ao compromisso militar, sempre leal para com seus subordinados, seus pares, seus chefes e, acima de tudo, para com a Pátria».

T. P. S. De um artigo de Charles Normand sobre *Os progressos da T. S. F. e a guerra*, publicado na *Revue des Deux Mondes*, extraiu-se o seguinte:

A T. P. S. é um modo novo de ligação que prestou grandes serviços no segundo período da guerra. Foi aplicada pela primeira vez pelos franceses e notadamente pelo general Ferrié, director da telegraphia militar. A T. P. S. é um sistema telegraphico e os Champollions da *hieroglyphia* militar nos dizendo que essas três letras indicam os iniciais de «telegraphia pelo solo», esclarecidos ficaremos a respeito da natureza desse novo meio de comunicação.

Os alemães o empregaram logo depois dos franceses, mas tão bem como estes e sobre o assunto as suas instruções eram muito detalhadas, como prova uma que caiu nas mãos dos franceses, organizada pelo general von Gallwitz.

A T. P. S. é um sistema telegraphico intermitente entre a T. S. F. e a telegraphia ordinária por cabos. Como na T. S. F., as duas estações não se acham ligadas por fios, mas na T. S. F. as ondas são transmittidas pelo ar e na T. P. S. as correntes utilizadas são transmittidas pelo solo. São simplesmente *correntes de indução*.

Os filósofos nos ensinam que a *indução* é uma certa maneira de raciocínio em que uma coisa é sugerida por outra. Semelhantemente e para fazer uma comparação que se impõe, uma corrente eléctrica de indução é uma corrente sugerida por uma outra, se podemos assim nos exprimir. Sabemos que todas as vezes que uma corrente eléctrica inicia a passagem por um fio, varia subitamente de intensidade ou cessa, produz-se bruscamente num fio paralelo, colocado a certa distância, uma corrente chamada induzida. E comprehende-se, assim, que se collocarmos num determinado ponto do solo um fio de algumas dezenas de metros com as extremidades fixadas na terra de modo a fechar o circuito, se ali fizermos circular uma corrente eléctrica de interrupção muito rápida, como a de uma bobina de Rhumkorff, que podemos dirigir à vontade, por meio de um Morse, por ex., essa interrupção irão produzir correntes induzidas em um fio mais ou menos paralelo, instalado a certa distância, e permitirão transmitir sinalas.

A experiência mostra que estas correntes agentes deste novo modo de ligação, são correntes induzidas, que se propagam sobretudo

solo, e tambem, muito parcialmente, cor-
s de condução através do solo. Dahi o
de T. P. S.

natureza do solo influe muito na propa-
o, dando os maiores alcances com os me-
s resultados em solo ligeiramente humido
u conductor de electricidade. Assim, o ter-
de mattas, muito máo para a collocação
ntennas de T. S. F., é óptimo para a
S.

dous processos se completam admiravel-

vantagem da T. P. S. sobre a T. S. F.
as suas bases, estabelecidas no solo ou
o enterradas, são muito menos vulnera-
que as antennas, sempre mais ou menos
das. Em compensação, com uma mesma
ia geradora, a T. S. F. alcança muito

se conseguido levar a varios kilometros
uite do emprego corrente da T. P. S.,
a utilização do *audion* ampliador.

T. P. S. não serviu sómente para a li-
prestou-se, em ambos os campos, com
álio do *audion*, para interceptar as com-
ações telephonicas do adversario, o que
ou na maioria dos sectores a só se tele-
r em linguagem convencional, *cryptopho-*
ente. As correntes muito variaveis que per-
em os fios telephonicos da frente, iam pro-
no solo correntes induzidas que eram re-
as por fios de T. P. S., insidiosamente
ados nas trincheiras inimigas.

Bibliographia

dim do Club Naval, Rio, n. 7, Dezembro
19.

sumario: Pelas grandes industrias para
a capacidade militar — Aplicação das for-
de Ingalls á escolha de uma nova polvora
canhão — Liga das Nações e a Paz Uni-
— Faina de carvão em alto mar.

Subsidios para um julgamento (O caso dos
entes) — Clodoaldo da Fonseca.

de Guerra. — Rio, n. 1, anno III, Ja-
de 1920.

sumario: O campeonato de Tiro — Ra-
n a Joazeiro.

, Rio, n. 47 a 49, de Fevereiro de 1920.

sumario: Os proxenetas da Patria —
pela nova geórgica — Um herói «man-
por falta de verba — Pedras para um
mento — A revolução bahiana, vitoriosa
abó, é derrotada, systematicamente, pelo
— A paz fraudulento a guerra.

dim da Sociedade Medico-cirúrgica Militar,
7, Janeiro de 1920.

sumario: Pela especialização — A vaccina-
phica em dose alta — Preparo de officia-
es em França — Faculdade de Medicina
is.

ta Militar, Lisboa, n. 1, anno LXXD,
de 1920.

sumario: Lições da grande guerra —
nisação e os dispositivos de combate de
ria na Grande Guerra — Admissão á Es-
perior de Guerra de França em 1920.

Revista Militar, Buenos Aires, n. 228, Janeiro
de 1920.

Do sumario: Modelo de ordens para in-
specções — Contribuição ao estudo da organi-
sação e do regulamento de aviação — A de-
fesa de Namur.

Subsidios para um julgamento

A campanha movida contra o fusil 1908 acaba
de soffrer o remate com a publicação deste
folheto pelo General Clodoaldo da Fonseca, chefe
da commissão de compras, que adquiriu a pri-
meira partida daquella arma.

Levantadas em 1911 pelo então Director da
Fabrica de Cartuchos, as suspeitas relativas ao
novo fusil, cresceram com a demora de sua
distribuição á tropa.

Compulsando-se as colleções da «A Defesa
Nacional», de 1911 e 1915, encontra-se em varios
artigos de collaboração e notas da redacção o
historico de tão interessante questão no seu começo.
Pôde-se mesmo dizer que a sua segunda phase,
a mais elucidativa, foi por nós levantada em o
nosso n. 3, Dezembro de 1913, a propósito do con-
curso de tiro collectivo desta guarnição. Respon-
dendo á nossa local, dous membros da commis-
são de compras, um do 11º ainda na Europa,
expuseram a série de provas soffridas pelo ar-
mamento Mauser nas experiencias mandadas pro-
ceder em virtude da denuncia do Director da
Fabrica de Cartuchos. Mais, não obstante tão au-
torizados depoimentos e o brilho das defesas
produzidas pelos capitães Bias Pimentel e Luiz
Mariano, o descredito do fusil 1908 não desappa-
receu senão depois da sua distribuição á tropa,
e foi mais tarde novamente proclamado, pouco
antes da organisação do celebre syndicato es-
trangeiro que desejou compral-o juntamente com
foda a sua munition.

A publicação do General Clodoaldo atem-se
a esta ultima phase da questão, começando por
historiar os trabalhos para a acquisição dos pri-
meiros fusis e as *demandes* feitas pela commis-
são de compras para melhor acautelar os in-
teresses do Thesouro, garantindo, por outro lado,
a satisfação das exigencias da technica.

Cooperação dos aeroplanos com a artilharia

De uma conferencia realizada na Escola Su-
perior de Guerra argentina, transcripta na «Re-
vista Militar» de Buenos Aires, extraímos, pelo
seu interesse, a parte seguinte, relativa á coope-
ração dos aeroplanos com a artilharia.

«A força aerea desenvolve sua maior activi-
dade:

- 1.º na exploração;
- 2.º na cooperação com a artilharia.

O apparelho usado para observar o tiro da
artilharia é o do tipo de reconhecimento, pro-
vido de installação radiotelegraphica para se
comunicar com a terra, a qual consiste entre
outros orgãos, em um arame com um peso na
extremidade. A comunicação de terra para o
aeroplano não foi ainda posta em pratica, em-
bora numerosas experiencias tenham dado bons
resultados.

Os principios geraes dos varios systemas usa-
dos em todos os paizes são iguaes.

Em primeiro lugar é preciso ter um meio conveniente de descrição e orientação do objectivo. A força aérea britânica usa-se o processo seguinte:

carta geographica (de, por ex., 1:63,360, 1' para 1 milha) divide-se em folhas de pollegadas quadradas. Quer dizer folhas de por 6" (o que representa 36 milhas quadradas) e designadas por uma letra do alfabeto: A ou B, etc.

Ada uma destas folhas divide-se por 36 quadrículas, numeradas de 1 a 36. Os numeros correspondem, pois, a quadrículas de uma pollegada quadrada e representam uma milha quadrada.

As quadrículas dividem-se em quatro, assignadas pelas letras a, b, c, d, e estas contêm divisões imaginárias que se contam da esquerda para a direita e de baixo para cima.

A descrição de um ponto qualquer do terreno faz-se da maneira seguinte: (Fig. 1).

	1	2	3	4	5	6
1	a b					
2	c d					
3						
4						
5						
6						

Fig. 1

Letra do alfabeto que designa a folha da terra, por ex., C.

Número da quadrícula, por ex., 5.

Ponto mais próximo da intersecção de duas ordenadas, 8,7 c. 5. b. 8,7.

Suplementar a esta descrição e orientação um código para os objectivos comuns, por ex., 4 canhões em ação — 4 f. n.

Modo de corrigir o tiro (Fig. 2).

O observador deve imaginar a figura de um relógio, com o objectivo no centro e a hora na direção N. Esta figura contém círculos concéntricos de raios diferentes, cada um devidamente por uma letra do alfabeto, de A até F.

O círculo A tem 50 m de raio;

O círculo B tem 100 m de raio;

O círculo C tem 200 m de raio, etc.

No círculo A estão traçados dois círculos concéntricos de raios respectivos de 20 e 10 metros, designados pelas letras Y e Z. Ao observar o tiro, o avião transmite as correções, sendo primeiro a hora mais próxima e depois o círculo: 2. B. — 7. A.

A comunicação de terra para o apparelo faz-se por signaes terrestres: pedaços de panos brancos, ou madeira, formando letras do alfabeto. Para isto ha um código, por exemplo: A letra I significa — «Recebemos os signaes»; a letra M significa — «Estamos prompts para atirar».

Para nos fazermos compreender melhor, si-

gamos o voo de um aeroplano, que sobe para observar o tiro de uma determinada bateria.

O apparelo tem um numero e para pôr-se em comunicação com a bateria (que também tem um numero), deve transmitir primeiro o seu próprio numero, seguindo-o do da bateria e da pergunta — «Recebe meus signaes?»

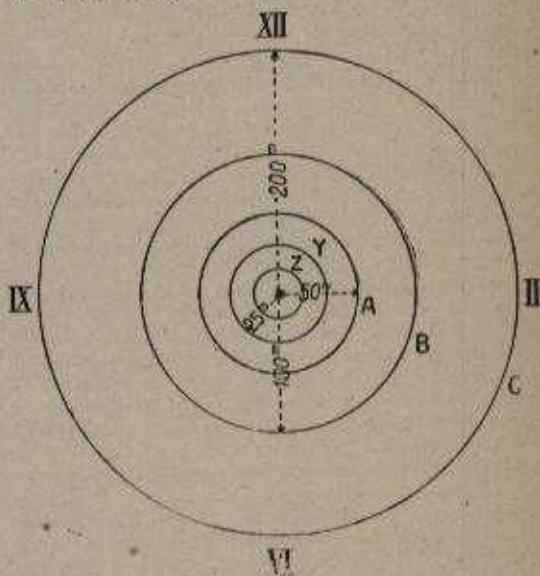


Fig. 2

Ao vêr o aeroplano, a bateria mostra um signal negativo até que receba os seus signaes; e depois pode mostrar a letra I, significando afirmação.

Então o aeroplano procura o objectivo, pondo-se em posição de poder vê-lo ao mesmo tempo que a bateria e aguarda que esta mostre o signal — «prompto para atirar».

O aeroplano, transmitindo sempre sua própria designação e à da bateria, descreve o objectivo; por ex.: Número do apparelo, número da bateria, C. 7. a. 5. 8, e se é necessário o que constitue o objectivo.

Depois de esperar um momento para permitir a interpretação de suas indicações, e sempre que veja o signal de terra indicando que as comunicações são recebidas, o observador transmite o signal I (prompto), o que indica que está em posição para observar o tiro. Depois transmite G (atire) e, ao observar o tiro, as correções; por exemplo: 5. A.

Se o observador nada vê, deve mandar o signal «Não observei».

Se os tiros são tão maus que ao observador parece inutil continuar a atirar contra o mesmo objectivo, elle transmite «Deixe de atirar».

Existem signaes para concentrar o fogo de todas as baterias da zona sobre um objectivo.

A cooperação aérea com a artilharia é um ramo especial da sciencia militar, que necessita estudo e muita prática para obter resultados bons.

Um observador habil pôde dirigir o tiro de artilharia sobre varios objectivos simultaneamente.

Em certos sectores da França, era o piloto que observava os tiros e transmittia as correções, enquanto o seu passageiro espreitava os ataques possíveis de apparelhos inimigos.

A melhor altura para a cooperação com a artilharia é nas proximidades dos 1.500 metros. Na Palestina tivemos que fazê-la a 800 metros por causa da pouca densidade do ar.

General Percin

Figura de real destaque na artilharia francesa, o ilustrado General cujo nome intitula esta notícia, tornou-se muito conhecido em nosso Exercito, especialmente no meio artillerístico, pela sua excelente obra «Cinq années d'inspeção» e no curso da grande guerra pelo seu trabalho «La guerre et l'armée de demain».

Passados os primeiros e grandes acontecimentos militares de Agosto de 1914, muito se desejava conhecer a ação do ilustrado militar, através de notícias bem escassas, uma atmosfera de dúvida surgiu mareando o nome do chefe francês, tocando fundamentalmente a sua reputação militar.

Antes que fosse esquecido esse incidente, o trabalho já citado, «La guerre et l'armée de demain», pôz de novo em foco a sua personalidade, justificando subtilmente, através de uma nova e exagerada preferência pelas reservas de rápida preparação, uma das grandes acusações que lhe eram imputadas.

Vem a propósito salientar que, raciocinando para um país de população decrescente, necessitado de um grande efectivo para seu pé de guerra, a par de um correlato desenvolvimento industrial, «La guerre et l'armée de demain», não chegou ao extremo que nós adoptamos em 1908 com os voluntários de manobra e as sociedades de tiro.

Mas, si não foi feliz a interpretação desse trabalho, accommodada no momento à justificação de fraquezas e economias, ella teve para o General Percin o mérito de dirigir a atenção para os acontecimentos que o haviam envolvido.

Resumindo sua defesa contra as graves acusações que lhe foram feitas, aparece elle agora nas páginas de «Lille» — título que lembra o nome da velha cidade fortificada cuja defesa lhe fôra confiada, origem das culpas publicamente aceitas — livro destinado a restabelecer o prestígio do seu autor.

Como se pôde prever «Lille» denuncia, na sua argumentação, na documentação com que se completa, e nas questões que restabelece, a profunda magia de quem refuta grave injustiça e procura esclarecer uma situação complexa pelas diversas contingências que nela influíram.

Em suas páginas empolgantes encontra-se desde a supplica em que o velho general, depois de uma existência cheia de serviços que se iniciaram na guerra de 70 com honrosos ferimentos, implora a ação oficial para a salvação da sua honra de soldado, até o confortador capítulo «La réparation» em que se verifica o reconhecimento da verdade e surge a justiça plena através de M. Paul Painlevé.

«Lille» destaca o extremo sacrifício a que está sujeito um militar mesmo depois de ter conquistado uma honrosa reforma.

Sente-se que a preponderância da política interna criou uma série de dificuldades só agora esclarecidas e que, para o defensor de Lille, valeram as acusações de:

estar com as faculdades intellectuais e moraes muito enfraquecidas;

ter verdadeiras alucinações — acontecendo que delas fôra accomettido com a approximação do inimigo;

haver cedido a instâncias da população e autoridades civis para a entrega de Lille aos alemães;

haver retido durante 24 horas um telegramma de Joffre, determinando que enviasse um reforço de 80.000 homens a Charleroi;

ter casado com alemã;

ter mandado aos alemães, por meio de pombos correios, um aviso de que Lille não seria defendida;

ter retido um telegramma de French tendente a assegurar a junção dos exercitos aliados;

ter sido, em consequência de traição, encarcerado na prisão de Cherche-Midi, destituído e depois fusilado.

Para confirmar a impressão causada por tais boatos, Percin chegou a ser valado na gare do Norte.

Todas essas acusações vinham da convicção popular de que o General Percin havia entregue a praça de Lille sem combater e realizara uma evacuação em completa desordem, denunciando uma covardia perniciosa à honra e aos interesses da França.

O livro que nos ocupa demonstra que:

Percin sempre se interessou pela defesa de Lille, pertencendo ao pequeno grupo de chefes franceses que acreditavam na invasão da França pelo N. e através da Bélgica.

Percin providenciou para restabelecer a defesa da praça, embora tardivamente, pois só depois da declaração da guerra foi informado de que delas tinham sido retirados metrathadoras, muitos canhões e grande quantidade de munições.

Percin não chegou a receber a comunicação oficial de que Lille fôra considerada pelo Governo cidade aberta, porque na manhã do dia em que tal comunicação foi feita, deixara o comando da 1.ª Região militar por ter sido nomeado inspector das formações de artilharia da reserva, com ordem de recolher-se imediatamente a Paris para organizar seu novo serviço; consequentemente Percin não dirigiu a evacuação das tropas e depósitos de Lille, incumbência que recaiu no General Herment;

Percin teve grande dificuldade para conseguir a publicação das ordens que recebera e que formavam sua defesa;

Percin conseguiu, após os mais constantes, decididos e justificados esforços, a declaração do ministro Millerand — feita oficialmente — de que elle não era responsável pela evacuação de Lille, em Agosto de 1914 e, mais tarde, com o ministro Paul Painlevé obteve, em 13 de Julho de 1917, que fosse completamente reparada a grande injustiça, designando-o para representar o ministério nas experiências comparativas de artilharia no campo de Mailly, de pois de ter sido distinguido a 13 do mesmo mês e anno com a dignidade da *Grand-Croix de la Légion d'Honneur*.

Sabemos que esta resumida notícia causará boa impressão em nosso meio militar e, para terminal-a, ajuntamos que no correr da leitura da excelente defesa, se verifica que as acusações que referimos, são completamente infundadas e se originam em uma perniciosa dissensão militar, que a administração não soube, não pôde ou não quis evitar e destruir.